



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

NOÁLISSON MANOEL DE SOUSA

**ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE  
RESISTÊNCIA ÉTNICA”, DE ELIANE POTIGUARA**

CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2024

NOÁLISSON MANOEL DE SOUSA

**ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE  
RESISTÊNCIA ÉTNICA”, DE ELIANE POTIGUARA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725a Sousa, Noalisson Manoel de.

Ancestralidade e memória em "Cânticos Poéticos de Resistência Étnica", de Eliane Potiguara [manuscrito] / Noalisson Manoel de Sousa. - 2024.

57 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Ancestralidade. 2. Memória. 3. Resistência. 4. Mulher indígena. 5. Potiguara. I. Título

21. ed. CDD 869.1

NOÁLISSON MANOEL DE SOUSA

**ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE  
RESISTÊNCIA ÉTNICA”, DE ELIANE POTIGUARA**

Aprovada em: 19 / 11 / 2024.

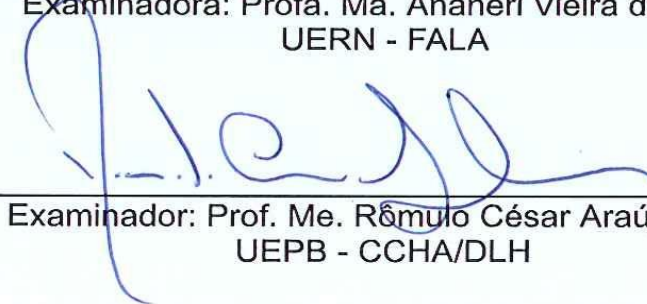
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB - CCHA/DLH



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Ma. Ananeri Vieira de Lima  
UERN - FALA



\_\_\_\_\_  
Examinador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima  
UEPB - CCHA/DLH

As pessoas que constituem os meus pilares fundamentais são Silvanira Lindalva de Sousa e Antônio Manoel de Sousa. Vocês foram, sem dúvida, a base sólida que sustentou e encorajou minha trajetória acadêmica e pessoal ao longo dos anos. Seu apoio incondicional e amoroso foi uma fonte constante de força em momentos desafiadores, e suas orientações sempre foram valiosas, guiando-me em cada passo dessa jornada. A dedicação que vocês demonstraram em cada fase da minha vida teve um impacto profundo em minhas conquistas. Cada realização que alcanço é um reflexo direto da confiança e do incentivo que sempre recebi de vocês. Através de suas palavras de encorajamento e de seu exemplo, aprendi a importância de perseverar diante das dificuldades e a acreditar em mim mesmo. Sou imensamente grato por tudo o que fizeram por mim, pois, sem vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

**Dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos a Deus, fonte de toda sabedoria e força, cuja graça e orientação divina foram essenciais para tornar possível a realização deste sonho. Sem a Sua presença constante em minha vida, certamente não teria conseguido superar os obstáculos que surgiram ao longo desta jornada. A Ele, minha eterna gratidão.

Aos meus pais, **Silvanira Lindalva de Sousa e Antônio Manoel de Sousa**, devo minhas mais profundas palavras de agradecimento. Eles foram, e sempre serão, o alicerce da minha vida, oferecendo-me um apoio incondicional, amor e incentivo em todos os momentos da minha trajetória acadêmica. O encorajamento de vocês, minha fonte de força, foi essencial para que eu superasse os desafios diários e mantivesse o foco em meus objetivos. A cada etapa dessa caminhada, o apoio e a confiança que depositaram em mim foram cruciais para o meu sucesso.

Não poderia deixar de expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**. Sua orientação, paciência e imensa experiência foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. A sua disponibilidade para tirar dúvidas, oferecer conselhos e direcionar minha pesquisa com rigor acadêmico, sempre com extrema generosidade e competência, fizeram toda a diferença nesta fase tão importante de minha vida. Sem sua dedicação, certamente este estudo não teria alcançado o nível de qualidade que possui. Agradeço profundamente por sua orientação valiosa e por toda a confiança depositada em mim.

Aos meus colegas de curso, a quem considero amigos e parceiros de caminhada, deixo também meu sincero agradecimento. **Aline Gicelle de Oliveira Gomes, Ana Clara Dantas Santiago, Dange Pereira Belarmino, Maria de Fátima Azevedo, Andreia Vieira dos Santos Gomes, Danuzia de Freitas Belarmino, Joseilton Dias do Nascimento, Mariana Pereira da Silva, Amanda Gomes dos Santos e Cássia Medeiros Diniz** — cada um de vocês foi uma peça fundamental no meu aprendizado. As trocas de ideias, o apoio mútuo e o compartilhamento de experiências enriqueceram imensamente minha jornada acadêmica. Cada conversa, cada colaboração, cada momento de ajuda e incentivo fez com está monografia fosse possível e que nossa experiência acadêmica fosse ainda mais completa.

Agradeço também a todos os professores e profissionais que, ao longo dos anos, contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal. Cada um de vocês,

com seu conhecimento, didática e dedicação, foi responsável por ampliar minhas perspectivas, despertar meu pensamento crítico e incentivar o meu desenvolvimento contínuo. Suas aulas e orientações foram fundamentais para que eu me tornasse um profissional mais capacitado e preparado para os desafios que surgirão no futuro.

Não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, estiveram ao meu lado, me oferecendo apoio emocional, intelectual ou até mesmo praticando gestos simples de solidariedade que fizeram toda a diferença no meu percurso acadêmico. Vocês, com sua presença e contribuição, foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço, enfim, a todos que participaram dessa trajetória, direta ou indiretamente. O sucesso desta jornada não é apenas meu, mas de todos que contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Cada gesto, cada palavra de incentivo, cada ajuda, mesmo que pequena, teve um papel vital em minha formação.

*“Aqui se respira luta, Ser fiel aos princípios da democracia e da justiça social, liberta a humanidade das trevas e ignorância. A sabedoria infinita carrega a luz da vida.”*

*(Eliane Potiguara)*



## **ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE RESISTÊNCIA ÉTNICA”, DE ELIANE POTIGUARA.**

### **RESUMO:**

O objetivo desta monografia é investigar como a ancestralidade e a memória são resgatadas e celebradas nos cânticos poéticos de Eliane Potiguara, com ênfase na resistência cultural e na construção de identidades coletivas. Através de uma análise aprofundada de sua obra, a pesquisa buscará entender de que maneira a autora destaca sua trajetória de luta e sua ancestralidade, utilizando a poesia como ferramenta de expressão e reivindicação. A questão central da investigação é: Como os cânticos poéticos de Eliane Potiguara desafiam as narrativas hegemônicas e contribuem para a revitalização da memória e identidade indígena? Esta abordagem permitirá uma compreensão não apenas do papel da poesia na resistência cultural, mas também de sua capacidade de ressignificar as histórias e as vivências indígenas dentro de um contexto contemporâneo, criando um espaço de visibilidade e valorização da cultura indígena. A pesquisa se apoiará em uma base teórica composta por autores como Candido (2006a; 2006b), Hakiy (2018), Krenak (2018), Kambeba (2018), Munduruku (2018), Potiguara (2023), Werá (2023) e Zolin (2009a; 2009b). Os objetivos da pesquisa são: analisar como Eliane Potiguara aborda a ancestralidade e a memória em seus cânticos poéticos de resistência étnica; compreender a importância do registro poético para o resgate da memória do povo indígena; e investigar o papel da mulher indígena na preservação e transmissão da ancestralidade, conforme refletido nos poemas de Potiguara. Por meio desta monografia, espera-se contribuir para o entendimento da literatura indígena, destacando suas lutas e desafios na busca por reconhecimento e espaço, além de evidenciar a literatura como uma ferramenta fundamental para a valorização e o reconhecimento das culturas indígenas, oferecendo um caminho para uma literatura mais inclusiva, inovadora e compreensiva.

**Palavras-Chave:** Ancestralidade, Memória, Resistência, Mulher Indígena, Potiguara.

# ANCESTRY AND MEMORY IN “CÂNTICOS POÉTICOS DE RESISTÊNCIA ÉTNICA”, BY ELIANE POTIGUARA.

## ABSTRACT:

The objective of this thesis is to investigate how ancestry and memory are reclaimed and celebrated in the poetic chants of Eliane Potiguara, with an emphasis on cultural resistance and the construction of collective identities. Through a thorough analysis of her work, the research will seek to understand how the author highlights her journey of struggle and her ancestry, using poetry as a tool of expression and advocacy. The central question of the investigation is: "How do the poetic chants of Eliane Potiguara challenge hegemonic narratives and contribute to the revitalization of Indigenous memory and identity?" This approach will allow an understanding not only of the role of poetry in cultural resistance but also of its ability to re-signify Indigenous histories and experiences within a contemporary context, creating a space for the visibility and valorization of Indigenous culture. The research will be supported by a theoretical framework composed of authors such as Candido (2006a; 2006b), Hakiy (2018), Krenak (2018), Kambeba (2018), Munduruku (2018), Potiguara (2023), Werá (2023), and Zolin (2009a; 2009b). The research objectives are: to analyze how Eliane Potiguara addresses ancestry and memory in her poetic chants of ethnic resistance; to understand the importance of poetic records in reclaiming the memory of Indigenous peoples; and to investigate the role of Indigenous women in the preservation and transmission of ancestry, as reflected in Potiguara's poems. Through this thesis, the goal is to contribute to the understanding of Indigenous literature, highlighting its struggles and challenges in the search for recognition and space, as well as emphasizing literature as a fundamental tool for the valorization and recognition of Indigenous cultures, offering a path to more inclusive, innovative, and comprehensive literature.

**Key-words:** Ancestry, Memory, Resistance, Indigenous Woman, Potiguara.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 LITERATURA INDIGENA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Ancestralidade e Memória: a arte literária na transmissão de saberes e histórias indígenas.....	17
2.2 O legado de Eliane Potiguara.....	24
2.3 Contextualização da obra <i>O vento espalha a minha voz originária</i> .....	29
<b>3 ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE RESISTÊNCIA ÉTNICA”.....</b>	<b>37</b>
3.1 Cânticos poéticos de resistência: veículos de preservação cultural.....	37
3.2 Ancestralidade e Memória nos Cânticos Poéticos de Resistência Étnica, de Eliane Potiguara.....	43
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 Introdução

A literatura indígena se destaca como um componente essencial e relevante dentro de um sistema literário que, muitas vezes, se mantém preso a normas e formas tradicionais. Ao emergir com sua própria identidade, essa literatura não apenas introduz novas narrativas, mas também promove uma valorização das culturas que, muitas vezes, foram marginalizadas. Assim, a literatura indígena se transforma em um espaço de inovação cultural e resistência, sendo um importante instrumento de libertação e luta para os povos originários.

Para esses grupos, a literatura desempenha um papel crucial na transformação social e na construção da identidade. Através dela, as novas gerações têm acesso a histórias que refletem suas vivências e experiências, enriquecendo seu entendimento sobre suas próprias culturas. A literatura indígena não se limita a contar histórias, mas busca quebrar estereótipos e abrir caminho para um conhecimento mais amplo, que possibilita a inclusão de diversas vozes.

A escritora Potiguara é um exemplo significativo dessa nova abordagem. Sua obra dá voz àqueles que frequentemente são silenciados e destaca as lutas diárias enfrentadas por comunidades indígenas. Potiguara transformou sua escrita em uma plataforma de visibilidade, denunciando as tentativas de apagar a cultura indígena da história. Ela aborda questões sociais que, muitas vezes, são ignoradas ou minimizadas pela sociedade dominante, trazendo à tona temas que permanecem relevantes e urgentes.

Além disso, a autora utiliza um estilo lúdico para tratar de temas sérios, tornando suas mensagens acessíveis e impactantes. Ao fazer isso, Potiguara não apenas relata as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas, mas também provoca reflexões sobre as injustiças que permeiam a sociedade contemporânea. Sua obra denuncia a opressão e o silenciamento que essas comunidades sofrem, criando um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Portanto, a literatura indígena, através de autores como Potiguara, amplia nossa compreensão do que é literatura. Ela revela que a escrita não serve apenas para narrar histórias, mas é um meio vital para questionar e desafiar as injustiças sociais. Através de suas obras, Potiguara e outros escritores indígenas mostram que a literatura pode ser um poderoso veículo de transformação, promovendo um diálogo necessário sobre a diversidade cultural e as lutas por reconhecimento e respeito dentro da sociedade.

Assim, a literatura indígena se consolida como um campo fértil para a inovação, resistência e construção de um futuro mais inclusivo.

A ancestralidade e a memória são elementos centrais na construção da identidade étnica e da resistência, especialmente entre os povos indígenas do Brasil. Por meio disto, a literatura se apresenta como uma ferramenta poderosa para salvar, preservar e promover estas culturas e histórias, funcionando como uma ponte de ligação entre o passado e o presente, e também entre as tradições orais e a expressão escrita. Mediante a esse contexto, *AS canções poéticas de resistência étnica/2023* de Eliane Potiguara destacam-se apresentando sua profundidade e importância.

Eliane Potiguara, sendo uma membro do povo Potiguara, se tornou uma das vozes mais influentes na literatura brasileira contemporânea. Com isso, a sua obras caracteriza-se por uma busca e preocupação em preservar a memória e a identidade do seu povo. sempre Através de sua poesia, Potiguara tece uma narrativa que denuncia as injustiças históricas e as violências sofridas pelos povos indígenas, e ao mesmo tempo que celebra a força, a resistência e a riqueza cultural dessas comunidades. Sua literatura atua como canal de comunicação e resistência, onde os ancestrais e a memória são elementos fundamentais.

Dessa forma, *os cânticos de resistência étnica/2023 de Eliane Potiguara* não são apenas obras de arte; são atos de resistência reais. As canções evocam tradições orais, histórias e ensinamentos transmitidos de geração em geração, fortalecendo nossa conexão com nossos antepassados e com o mundo ao seu redor. Através de suas palavras, a comunidade Potiguara ajuda a reconstruir e reafirmar a identidade étnica de seu povo, preservando memórias pessoais e coletivas que a história oficial silenciou ou marginalizou. Um estudo minucioso das canções poéticas de Eliane Potiguara será realizado com o objetivo de entender como a autora usa a poesia para preservar memórias ancestrais, bem como essas canções se configuram como ferramentas de luta e reafirmação étnica. A pesquisa foi realizada com base em uma leitura cuidadosa de suas obras, contextualizando-as no cenário histórico e cultural dos povos indígenas do Brasil. Discutiremos como a autora combina elementos da tradição oral e da escrita poética, criando uma história que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva, local e universal.

Além disso, esta monografia visa destacar a importância da literatura indígena como ferramenta de luta e preservação cultural. O trabalho de Eliane Potiguara não apenas contribui para a visibilidade e valorização da cultura indígena, mas também

desafia as narrativas dominantes e oferece uma perspectiva rica e diversificada sobre a história e a realidade dos povos indígenas do Brasil. Desta forma, esperamos destacar a contribuição de Potiguara para o movimento literário indígena e para a literatura brasileira como um todo, reconhecendo seu papel fundamental na promoção de maior compreensão e respeito às culturas indígenas.

Ademais, a análise proposta nesta pesquisa requer não apenas uma avaliação estética da poesia de Potiguara, mas também uma compreensão mais profunda de sua função social e política. “As canções poéticas de resistência étnica” (2023) de Eliane Potiguara foram e são, em essência, manifestações de resistência, memória e identidade, que continuam a inspirar e fortalecer as lutas dos povos indígenas por seus direitos e dignidade.

Através da obra literária *O vento espalhado a minha voz originária* (2023), a autora destaca em um de seus capítulos, “Ancestralidade e memória nas canções poéticas de resistência étnica, de Eliane Potiguara”. Através da leitura das canções de Eliane Potiguara, somos transportados para um universo literário que vai além das páginas. Sua obra encapsula a essência das tradições, da resistência e da preservação da identidade étnica. As poesias e músicas de Potiguara nos guiam em uma jornada de conexão com nossas raízes ancestrais, resgatando histórias e saberes que perpassam gerações. É uma experiência que nos convida a refletir sobre nossa própria identidade e a importância de manter viva a cultura.

Desse modo, a obra não visa apenas celebrar a riqueza cultural das comunidades étnicas, mas também busca evidenciar as lutas que esses povos enfrentam ao longo da história, oferecendo um olhar sensível e profundo sobre a experiência étnica no contexto brasileiro. Através das suas canções poéticas, a autora convida-nos a mergulhar num mundo de tradições orais, mitos, rituais e experiências cotidianas, revelando a importância da preservação da memória e do patrimônio ancestral. Nesse sentido, a obra de Eliane Potiguara se apresenta como uma poderosa ferramenta de resistência étnica, reafirmando a identidade e promovendo a valorização das culturas originais. A análise se fará presente por meios extremamente importantes onde busca preservar e mostrar a importância da cultura e suas memórias para as futuras gerações, desse modo, a pesquisa traz os seguintes questionamentos: Como Os cânticos poéticos de Eliane Potiguara articulam e reconfiguram as memórias ancestrais indígenas em um contexto de resistência étnica? Quais são os principais elementos estilísticos e temáticos utilizados por Eliane Potiguara para transmitir sua

mensagem de resistência étnica e preservação cultural em sua poesia? De que maneira a análise dos cânticos poéticos de Eliane Potiguara pode contribuir para uma compreensão mais profunda da identidade indígena contemporânea e suas interações com o contexto sociopolítico do Brasil atual?.

Esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar a forma como Eliane Potiguara aborda a ancestralidade e a memória em “Cânticos poéticos de resistência étnica”, e também tem como objetivos específicos: Compreender a importância do registro para o resgate da memória do povo indígena a partir dos poemas presentes em ancestralidade e memória em “Cânticos poéticos de resistência étnica” e analisar o papel da mulher indígena para a ancestralidade nos poemas presentes na ancestralidade e memória em “Cânticos poéticos de resistência étnica”. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, uma vez que utilizará uma abordagem metodológica focada na análise de obras literárias para investigar os cânticos de Eliane Potiguara. A metodologia será estruturada da seguinte forma: Seleção de cânticos poéticos de Eliane Potiguara que tratam dos temas de origem étnica e resistência. A seleção dos textos será baseada na relevância dos temas para a pesquisa e na representatividade da obra do autor e também uma Leitura atenta e análise textual: Leitura atenta e detalhada dos textos selecionados para identificar elementos literários, serão destacadas passagens importantes para ilustrar a abordagem do autor à origem étnica e à resistência.

Em última análise, espera-se que esta metodologia permita uma avaliação profunda e significativa das canções poéticas de resistência étnica de Eliane Potiguara, contribuindo assim para a compreensão da literatura indígena no Brasil e suas interações com questões de identidade e memória ancestral. Com isso, a pesquisa tem como aporte teóricos: Candido (2006a; 2006b); Hakiy (2018); Krenak (2018); Kambeba (2018); Munduruku (2018) Werá (2023); Zolin (2009a; 2009b). A reflexão proposta pela obra de Eliane Potiguara vai além das páginas, ressoando como um convite ao regresso às raízes culturais e à promoção das diversas manifestações étnicas presentes na nossa sociedade.

O tema proposto “Ancestralidade e memória nas canções poéticas de resistência étnica, de Eliane Potiguara”, trata de questões muito importantes e contemporâneas no campo dos estudos literários e culturais. Eliane Potiguara, sendo uma importante escritora e ativista indígena brasileira, usa seu trabalho para explorar não apenas

experiências individuais, mas também narrativas coletivas de resistência étnica e preservação cultural. A análise de suas canções poéticas não apenas ilumina a complexidade da identidade indígena no Brasil, mas também fornece uma perspectiva crucial sobre como a memória ancestral é construída, preservada e reinterpretada através das artes literárias, sendo assim, esta pesquisa é importante por vários motivos. Primeiro, contribui para a valorização e compreensão das vozes indígenas na literatura brasileira contemporânea, enfatizando o papel fundamental da arte como forma de resistência cultural.

Além disso, ao explorar a ancestralidade e a memória em obras poéticas, a pesquisa amplia o campo dos estudos da literatura indígena, oferecendo novas perspectivas teóricas e críticas. Por fim, com foco em Eliane Potiguara, figura central do ativismo indígena, a pesquisa também aborda os problemas de representação, autoria e discurso de poder em contextos literários e culturais. Em meio à riqueza de suas palavras, somos convidados a uma jornada de reflexão e descoberta, onde cada versículo ecoa as vozes daqueles que vieram antes de nós, trazendo consigo a sabedoria acumulada ao longo das gerações.

Dessa forma, a partir das obras de Potiguara, observamos que não haverá apenas testemunhos da resistência de um povo, mas também do enfrentamento de questões fundamentais sobre justiça, igualdade e pertencimento. Em meio há um mundo caracterizado pela desigualdade e pelo apagamento cultural, as palavras ditas e escritas por Potiguara ressoam como um apelo à ação, onde vem nos convidar a reconhecer e honrar as contribuições das comunidades indígenas para a riqueza da diversidade humana. Assim, por meio desta pesquisa, buscaremos desvendar os fios que unem o passado, o presente e o futuro na luta contínua pela preservação da identidade étnica e cultural dos povos originários, inspirados na força e na herança deixada por Eliane Potiguara.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos que exploram a importância da literatura indígena e a contribuição de Eliane Potiguara para esse campo. O primeiro capítulo aborda a relevância da literatura indígena não apenas como um meio de expressão artística, mas também como um instrumento vital para o resgate da memória e a valorização da ancestralidade. A literatura atua como uma ponte que conecta o passado e o presente, permitindo que as vozes indígenas sejam ouvidas e reconhecidas na sociedade contemporânea. Além disso, destaca-se a necessidade de



valorizar a cultura indígena para as futuras gerações, ressaltando como essas narrativas enriquecem o panorama literário como um todo.

O segundo capítulo apresenta o legado de Eliane Potiguara, detalhando sua biografia e sua importância na literatura indígena. Potiguara é reconhecida como um fenômeno, uma escritora que trouxe inovação ao quebrar os estereótipos da literatura dominante. Sua obra se caracteriza por uma forte presença de resistência e ancestralidade, refletindo as lutas e a identidade de seu povo. Neste contexto, Potiguara se estabelece como uma voz influente, conquistando um espaço significativo na literatura e contribuindo para a visibilidade das questões indígenas no cenário literário contemporâneo.

No terceiro capítulo, a obra *O vento espalha minha voz originária*, publicada por Eliane Potiguara em 2023, é contextualizada como uma peça extraordinária para o entendimento da literatura indígena. Através desta obra, os leitores são convidados a conhecer a trajetória histórica e cultural dos povos indígenas, marcada por uma rica diversidade e por suas contínuas lutas por reconhecimento e justiça. O capítulo explora como Potiguara, por meio de sua escrita, traz à tona saberes ancestrais e as experiências de seu povo, promovendo um diálogo importante sobre a cultura indígena.

Em seguida, o capítulo “Cânticos Poéticos de Resistência: Veículos de Preservação Cultural” aborda partes do livro de Potiguara de forma detalhada e contextualizada. Neste segmento, são destacadas as lutas da autora ao longo de sua trajetória, enfatizando como seus cânticos funcionam como ferramentas de crítica social. A análise dos cânticos revela a forma como Potiguara utiliza a poesia para abordar questões relevantes, refletindo sobre as realidades enfrentadas pelas comunidades indígenas e promovendo a resistência cultural.

Por fim, o capítulo intitulado “Ancestralidade e Memória nos Cânticos Poéticos de Resistência Étnica” se concentra nas análises dos cânticos de Potiguara. Através de suas obras, são discutidas as críticas que a autora levanta em relação aos contextos sociais e políticos que afetam seu povo. Este segmento busca entender as estratégias que Potiguara utiliza para reivindicar espaço e representatividade, tanto na literatura quanto na sociedade em geral, ressaltando a importância de suas vozes na construção de um futuro mais justo e igualitário para as comunidades indígenas.

## 2 LITERATURA INDIGENA

### 2.1 Ancestralidade e Memória: a arte literária na transmissão de saberes e histórias indígenas

A literatura indígena desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos e tradições, atuando como um meio expressivo através do qual esses povos compartilham seus simbolismos e crenças. Essa literatura abrange uma variedade de formas, incluindo tradições orais, mitos e poemas, criando um espaço rico onde os indígenas podem manifestar sua cosmovisão. Nesse contexto, a literatura não apenas serve como um veículo para a expressão cultural, mas também como uma ferramenta de afirmação e resistência identitária em uma sociedade que frequentemente busca silenciar suas vozes.

Ao promover a literatura indígena, é possível proporcionar aos jovens acesso a saberes que, de outra forma, poderiam ser marginalizados ou esquecidos. Isso é crucial, pois a literatura não apenas enriquece a formação cultural dos indivíduos, mas também expõe a rica diversidade cultural que existe entre os povos indígenas, frequentemente ignorada ou estereotipada. Por meio dessas narrativas, os leitores são convidados a compreender e valorizar a complexidade e a profundidade das experiências indígenas, que se entrelaçam com a história e a luta por reconhecimento e direitos.

Além disso, a literatura indígena preserva e enriquece o patrimônio histórico, acadêmico e escolar. Ela aborda tradições que têm sido passadas de geração em geração, enfatizando a importância da ancestralidade e da memória cultural. Esse processo de transmissão é vital, pois garante que os saberes e histórias não se percam com o tempo, a literatura é uma ferramenta essencial para a resistência cultural, permitindo que as histórias e experiências indígenas sejam contadas e reconhecidas em um espaço mais amplo.

Assim, a literatura indígena não é apenas um reflexo das tradições e experiências de um povo, mas também um meio de educar e sensibilizar a sociedade em geral. Ao valorizar essas narrativas, podemos fomentar uma maior apreciação da diversidade cultural e promover um diálogo mais respeitoso entre diferentes culturas. Dessa forma, a literatura se torna uma ponte entre o passado e o futuro, assegurando

que as vozes indígenas continuem a ressoar e a impactar as gerações futuras. Hakiy 2018 afirma que:

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira (Hakiy, 2018, p. 32).

Como destacado na citação anterior, a cultura indígena é frequentemente subestimada, sendo relegada ao esquecimento e menosprezada pela literatura predominante. Nesse contexto, os povos indígenas enfrentam uma luta constante para preservar suas tradições e a rica semântica de sua ancestralidade. Essa preservação é crucial, pois permite que as gerações atuais e futuras se conectem com suas histórias e com aqueles que não estão mais presentes, mas que fazem parte de sua herança cultural.

Portanto, é fundamental que a ancestralidade e a cultura indígena sejam exploradas e valorizadas. Isso não apenas enriquece o entendimento das raízes culturais, mas também assegura que futuras gerações tenham acesso a registros que refletem sua identidade e suas tradições. Ao promover essa valorização, garantimos que as vozes indígenas continuem a ser ouvidas e que sua rica herança cultural seja preservada e propagada ao longo do tempo.

A ancestralidade indígena vai além de meras memórias narradas por meio de histórias ou lendas fantasiosas; ela se manifesta nas vivências e nas lutas de pessoas que enfrentam décadas de desafios. Esse espaço de luta, que não deveria sequer estar em discussão, ressalta a importância do reconhecimento dos direitos e da existência dos povos indígenas. Diante disso, é essencial explorar e compreender essa luta diária enfrentada pelos indígenas.

Por meio de sua literatura e da rica herança ancestral marcada por conflitos, podemos começar a compreender a angústia que envolve a experiência indígena e que os acompanha de forma constante. Essa literatura não apenas reflete as dificuldades, mas também serve como um meio de resistência e de afirmação identitária, permitindo

que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas. Assim, a valorização da ancestralidade indígena se torna crucial para a construção de um futuro onde suas histórias e lutas sejam reconhecidas e respeitadas.

Na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento (Kambeba, 2008, p. 40).

A autora enfatiza a importância da literatura indígena como uma forma de expressão que vai além das palavras, incorporando uma rica herança cultural que é repleta de identidade e espiritualidade. Essa literatura não apenas reflete a experiência e a visão de mundo de um povo, mas também carrega consigo toda uma carga ancestral que a torna singular. A autora destaca ainda a relevância da oralidade, que tem desempenhado um papel crucial na preservação da história e dos saberes de comunidades indígenas ao longo dos séculos.

A oralidade, longe de ser uma prática do passado, permanece uma parte viva e dinâmica da cultura indígena, interagindo com a literatura escrita de maneiras que enriquecem ambas. A coexistência dessas formas de expressão permite que a tradição se mantenha atualizada, atraindo novos leitores e ampliando o alcance das narrativas indígenas. Assim, a autora sugere que a literatura indígena, em sua totalidade, é fundamental não apenas para a valorização da cultura, mas também para a construção de diálogos mais amplos sobre a identidade e a história desse povo, que são essenciais para o entendimento da diversidade cultural contemporânea.

A memória é um elemento fundamental para os povos indígenas, desempenhando um papel crucial na preservação de suas histórias e identidades. Por meio da memória coletiva, esses grupos conseguem transmitir relatos orais que refletem suas vivências, tradições e valores. Durante as reuniões comunitárias, é possível testemunhar a grandiosidade e a riqueza dessas narrativas, que não apenas conectam as gerações atuais com seus antepassados, mas também reforçam o sentido de pertencimento e a continuidade cultural.

Os indígenas mantêm suas memórias de diversas formas. Além dos relatos orais, que são passados de geração em geração, eles utilizam artefatos e expressões artísticas como meios de registro. Desenhos em cavernas, pinturas em árvores e outros tipos de arte que têm um papel significativo nesse processo, funcionando como testemunhos visuais das experiências vividas. Esses elementos não apenas preservam a história, mas também transmitem ensinamentos e valores que são essenciais para a formação da identidade indígena. Assim, a memória não é apenas um repositório de informações; ela é um ativo cultural que nutre a espiritualidade e a visão de mundo dos povos indígenas, permitindo que suas experiências, lutas e conquistas sejam reconhecidas e valorizadas. Através da memória, os indígenas reafirmam sua presença e resistência, mantendo viva a conexão com suas raízes e tradições. De acordo com Kambeba (2018):

A arte de desenhar não indicava apenas beleza, mas comunicação pelo imagético. Os desenhos demonstravam sentimentos, informações. As músicas cantadas nos rituais eram formas de comunicar-se com os espíritos ancestrais, mas também se relacionavam com o estado de espírito dos povos, se estavam tristes, em festa, em cerimônias ritualísticas, etc. (Kambeba, 2018, p. 39).

É importante destacar o papel fundamental da literatura como um meio de resgate e transmissão de vivências. Por meio da literatura, os povos indígenas têm a oportunidade de expressar suas experiências de maneira mais segura e garantida. Ela se torna um porto seguro que prepara as gerações futuras, proporcionando ênfase e oportunidades para que tanto os jovens indígenas quanto os não indígenas possam acessar relatos de lutas, resistência, ancestralidade e determinação. Assim, a literatura permite que todos conheçam suas histórias e estabeleçam uma conexão mais prática e significativa com seus antepassados.

Além disso, a literatura indígena, como exemplificado por esta obra, desempenha um papel crucial não apenas no contexto das livrarias, mas em diversos âmbitos sociais, como escolas, universidades e outros espaços educacionais. Ela é essencial para formar e informar os futuros leitores e jovens sobre a importância de valorizar e respeitar as culturas e as tradições indígenas. A presença da literatura indígena no currículo educacional e em discussões acadêmicas é fundamental para promover uma compreensão mais profunda e um respeito mais genuíno pela diversidade cultural.

Através da literatura, os leitores têm acesso a uma rica tapeçaria de experiências e memórias que são frequentemente invisibilizadas ou distorcidas pela narrativa dominante. A obra de Potiguara não se limita a apresentar a cultura indígena, mas também encapsula a dor, a alegria, a luta e a resiliência dos povos indígenas. Ela oferece uma visão abrangente das crenças e das tradições ancestrais, ao mesmo tempo em que denuncia os esforços contínuos de uma sociedade que tenta apagar essas histórias e tradições. Nas palavras de Potiguara (2023) a literatura indígena é muito mais do que apenas luta, ela é:

A literatura indígena cumpre o papel de resgate, de preservação cultural, de fortalecimento das cosmovisões étnicas. O futuro escrito indígena deve ser já incentivado, na aprendizagem da educação bilíngue e da educação geral, desde pequeno. O escritor indígena é o futuro antropólogo, aquele que vê, enxerga e registra. Povos indígenas devem caminhar com seus próprios pés (Potiguara, 2023, p. 60).

Assim, *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023), é mais do que uma simples coleção de poemas; é um manifesto cultural e político que nos desafia a reconhecer e a celebrar a diversidade, a proteger as histórias dos povos indígenas e a lutar contra a marginalização e o apagamento cultural. A obra de Eliane Potiguara nos lembra da importância de manter viva a memória ancestral e de garantir que as vozes indígenas sejam sempre ouvidas e respeitadas.

Diante desses aspectos, o trabalho desenvolvido adquire uma importância crucial ao proporcionar uma visibilidade muito necessária para temas que, embora pouco explorados, merecem um reconhecimento significativo. Não se trata apenas de um interesse restrito a uma parcela da sociedade, mas de uma verdadeira aclamação e valorização social e global. É essencial reconhecer que a literatura indígena, por exemplo, possui uma relevância cultural substancial que deve ser amplamente reconhecida e celebrada.

Esse tipo de trabalho não apenas destaca a importância da literatura indígena, mas também abre portas para que autores de diferentes culturas e religiões possam compartilhar e valorizar suas próprias tradições e crenças. Através desse processo, conseguimos criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde diversas vozes podem ser ouvidas e respeitadas, e onde cada cultura tem seu devido valor e reconhecimento.

Além disso, o objetivo principal é expandir as perspectivas das pessoas, incentivando-as a considerar a história e a cultura de outros povos com o devido respeito e relevância. Essa valorização passa pelo entendimento de que cada indivíduo carrega em si uma bagagem cultural rica e única, repleta de significados e histórias que merecem ser ouvidas e reconhecidas. É importante compreender que essa pluralidade de vozes e visões de mundo não apenas enriquece o nosso conhecimento, mas também promove uma sociedade mais inclusiva e empática, onde cada cultura pode encontrar seu espaço de expressão e ser devidamente apreciada.

Portanto, é imperativo que continuemos a lutar pelos direitos e pela valorização dos diversos espaços culturais, assegurando que todos possam expressar suas identidades culturais e serem respeitados de forma adequada. Essa luta não é apenas pela visibilidade, mas pela construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as culturas e crenças são valorizadas e respeitadas, contribuindo para um mundo mais rico e harmonioso.

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avós, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. A memória é, ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo da história (Munduruku, 2018, p. 81).

A escrita, enquanto expressão artística e forma de comunicação, possui uma presença marcante que se entrelaça com a memória ancestral, estabelecendo um elo profundo com momentos únicos na literatura. Este fenômeno se revela de maneira inovadora e expansiva, contribuindo significativamente para o enriquecimento do nosso patrimônio literário. As narrativas que emergem desse contexto não são meras ficções; são relatos que refletem experiências reais e que têm o potencial de ressoar através das gerações.

Essas histórias, que permeiam a vida cotidiana, são a chave para que uma nova geração tenha acesso à riqueza da memória coletiva, preservada e transmitida por seus antepassados. Ao fazermos isso, reconhecemos a importância de narrar essas vivências de maneira singular e valiosa. Nesse cenário, a oralidade, um

elemento fundamental na preservação cultural, continua a se manifestar, assim como sempre ocorreu ao longo da história.

A literatura, ao criar um espaço para essa oralidade, se torna um veículo poderoso para a transmissão de saberes e tradições que, por anos, estiveram guardados. As palavras se transformam em ponte entre o passado e o presente, permitindo que as memórias ancestrais sejam revisitadas e reinterpretadas, trazendo à tona uma riqueza cultural que merece ser valorizada e celebrada. Dessa forma, a literatura não apenas documenta essas histórias, mas também as revigora, assegurando que as vozes de gerações passadas ecoem através do tempo, inspirando novas narrativas e diálogos entre diferentes épocas.

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral (Munduruku, 2018, p. 83).

O papel da literatura indígena é fundamental para promover o (re)encontro com as tradições e as memórias ancestrais das comunidades indígenas. Nesse contexto, essa literatura atua como um veículo que resgata e valoriza as histórias que, muitas vezes, foram esquecidas ou silenciadas ao longo do tempo. Através de suas narrativas, os autores indígenas oferecem uma perspectiva única, permitindo que suas vozes e experiências sejam ouvidas e reconhecidas. Assim, a literatura se transforma em um espaço de reencontro não apenas com o passado, mas também com a identidade cultural, promovendo uma reflexão sobre a importância das raízes na construção do presente.

Além de preservar a memória, a literatura indígena contribui para a atualização do pensamento ancestral, incorporando novos acontecimentos e experiências que dialogam com a tradição. Isso significa que a literatura não é estática, mas dinâmica, permitindo que os saberes e as práticas culturais evoluam e se adaptem às novas realidades enfrentadas pelas comunidades. Ao incluir essas novas narrativas, os autores indígenas enriquecem o repertório cultural, criando uma conexão entre o que é tradicional e o que é contemporâneo. Dessa forma, a literatura se torna um espaço de resistência e afirmação cultural, onde a sabedoria ancestral encontra novos significados.



Por fim, ao reforçar a memória coletiva, a literatura indígena desempenha um papel vital na luta pela valorização e reconhecimento das culturas indígenas na sociedade atual. Ela proporciona um meio para que os jovens se reconectem com suas heranças, inspirando um senso de pertencimento e orgulho. Esse reencontro com a cultura não apenas fortalece as identidades individuais, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre diversidade e inclusão. Assim, a literatura indígena se estabelece como um elemento essencial para a preservação e a revitalização das culturas, assegurando que as vozes ancestrais continuem a ecoar e a influenciar as gerações futuras.

## 2.2 O legado de Eliane Potiguara

Eliane Potiguara é escritora, poeta, professora, ativista indígena e contadora de histórias, poeta de ancestralidade ancestral potiguara, nascida em 29 de setembro de 1950, no Rio de Janeiro, bisneta do guerreiro paraibano e potiguar Chico Solon de Souza (Potiguara, 2023).

Em 2012 recebeu o título de doutora honoris causa pela UFRJ, onde estudou no início da década de 70. É a 1ª mulher indígena a recebê-lo no Brasil. Recebeu do governo brasileiro o título de cavaleiro da ordem ao mérito cultural em 2014. Foi indicada em 2005 ao projeto internacional “Mil mulheres ao prêmio nobel da paz”. É formada em Letras (Portugues-Literaturas) e na educação pela UFRJ, especializada em educação ambiental pela UFOP. É da etnia potiguara, brasileira, fundadora da 1ª org. De mulheres indígenas Grumin/ Grupo de mulheres-educação indígena (1988), que recebeu em 1996, o II prêmio de cidadania internacional, pela Fundação Bah’ai. Hoje, o Grumin constitui-se da rede de comunicação indígena e Grumin Edições. Foi considerada mulher do ano de 1988, pelo conselho de mulheres do Brasil por seu trabalho em prol do desenvolvimento das mulheres indígenas no Brasil (Potiguara, 2023).

É autora de *A terra é mãe do índio* (1989), livro premiado pelo Pen Club da Inglaterra. Esse texto foi traduzido para o inglês e foi tese de dois mestrados (Índia e Estados Unidos), no tema ecofeminismo; de *akajutitibiró, terra do índio potiguara* (1994), cartilha de apoio à alfabetização para adultos e crianças, financiada pela Unesco; e do jornal Grumin (versões nacional e internacional).

É fellow da Ashoka, enlace continental de mulheres indígenas, associação pela paz, cônsul de poetas do mundo e embaixador da paz pelo círculo de escritores da França e da Suíça, trabalhou uma década pela declaração universal dos direitos indígenas na ONU em Genebra. Participou de diversos congressos, feiras, festivais literários e sobre os direitos humanos dos povos indígenas no Brasil e no exterior. A autora de diversos livros para adultos, crianças e adolescentes em vários gêneros literários. Escreveu e publicou artigos e entrevistas em centenas de coletâneas, livros e jornais sobre a temática dos povos indígenas e seus direitos ao longo de quatro décadas de militância. É autora de *Metade cara, metade máscara*, pela global editora, 2004 e em 2019 pela Grumin edições; *A cura da terra*, pela editora do Brasil; *O pássaro encantado*, Jujuba editora; *O coco que guardava noite*, ed. moderna.

A escritora Eliane Potiguara tem uma escrita direta, mas acima de tudo poética. Eliane mergulha em suas vivências pessoais, em busca de sua ancestralidade. E nos projeta num universo onírico, entre o passado e o futuro, nas profundezas da vida espiritual. É uma mulher do seu tempo em contínua evolução rumo à eternidade. Eliane potiguara, indígena, escritora, professora e poetisa em 1989, um ano após a constituição que passou a reconhecer o direito de ser aos originários, Eliane publicava seu primeiro livro *A terra é mãe do índio*. Há mais de 30 anos, ela já falava sobre opressão às mulheres, aos povos originários, racismo, preconceito. Muito do que se fala sobre futurismo indígena, passa pela literatura de Eliane Potiguara, iniciada num tempo em que se falar “eu sou escritora indígena” era estar falando essa frase pela primeira vez no Brasil.

A importância de Eliane Potiguara para a literatura brasileira transcende suas publicações individuais. Sua obra é fundamental para a promoção da diversidade cultural e para a inclusão de perspectivas indígenas no cenário literário nacional. Potiguara traz uma abordagem inovadora e necessária ao abordar temas de ancestralidade, identidade e resistência étnica. Seus textos não apenas celebram a cultura Potiguara, mas também questionam e desconstruem narrativas dominantes, oferecendo uma visão rica e multifacetada da experiência indígena no Brasil.

Ademais, Potiguara ficou conhecida por sua habilidade em entrelaçar elementos da tradição oral indígena com formas modernas de narrativa, criando uma literatura que é ao mesmo tempo profundamente enraizada na tradição e inovadora. Seu trabalho é um testemunho do poder da literatura como meio de resistência e afirmação cultural. Ao longo de sua carreira, Eliane Potiguara foi reconhecida com diversos prêmios que

atestam a importância e a qualidade de seu trabalho. Em 1996, ela recebeu o Prêmio Jabuti, um dos mais prestigiados no Brasil, na categoria de Melhor Livro de Poesia. Esse reconhecimento foi um marco significativo, destacando Potiguara como uma voz essencial na poesia brasileira e evidenciando a relevância de sua obra. Em uma de suas abordagens mediante ao livro *Eliane Potiguara (2023)* ressalta que:

Os conhecimentos ancestrais são a base de sustentação da identidade indígena. numa época colonizadora , em que o domínio europeu foi determinante na formação da nova sociedade na america latina, falar de intensidade indígena é possuir um rico diamante diante das perdas que etnias enfrentam, no entanto esse rico diamante está internalizado de tal forma na vida dos povos originários que mesmo com tantos massacres, retrocessos e até genocídios comprovados pela história , esses povos continuam exercendo o seu direito a sua identidade, que é seu maior patrimônio , e a mulher indígena é a parte principal desse processo , pois ela sempre teve a palavra final nas terminações políticas culturais (Potiguara, 2023, p. 21).

Eliane ressalta a importância dos conhecimentos ancestrais ao longo da história, especialmente no contexto da colonização e da dominação europeia. Ela destaca que, apesar das significativas perdas e das lutas enfrentadas pelas comunidades indígenas ao longo dos séculos, essas populações mantêm uma forte afirmação de sua identidade. Essa resistência cultural evidencia que, para além da mera sobrevivência, a valorização de suas tradições e saberes é fundamental.

A autora argumenta que é imprescindível que tanto a cultura indígena quanto a sua existência sejam compreendidas e respeitadas, reconhecendo o papel vital que esses elementos desempenham na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, Eliane convida à reflexão sobre a necessidade de um olhar atento e respeitoso para com as experiências e contribuições dos povos originários.

Eliane Potiguara é uma figura central na literatura brasileira, especialmente no que diz respeito à representação e valorização da cultura indígena. Sua obra oferece uma visão rica e necessária sobre questões de ancestralidade, identidade e resistência, proporcionando um contraponto valioso às narrativas dominantes e contribuindo para uma maior inclusão e diversidade no campo literário. Através de suas publicações e reconhecimentos, Potiguara não apenas enriquece a literatura brasileira, mas também desempenha um papel crucial na preservação e promoção da herança cultural dos povos indígenas.

Eliane Potiguara é uma autora fundamental na literatura brasileira contemporânea, cuja obra transcende as fronteiras do que tradicionalmente se espera da narrativa literária. Sua contribuição é extremamente relevante, pois abre espaço para a exploração de novas perspectivas culturais e sociais que, até então, estavam sub-representadas na literatura. Potiguara nos convida a repensar a literatura como um espaço de resistência e diversidade, ressaltando a importância de vozes que representam realidades muitas vezes esquecidas ou marginalizadas.

Através de seus escritos, ela nos apresenta uma visão abrangente da experiência indígena e afro-brasileira, oferecendo uma narrativa que não apenas relata, mas também desafia os estereótipos e preconceitos que permeiam a sociedade. Ao abordar temas como identidade, ancestralidade e luta, Potiguara nos proporciona um entendimento mais profundo das complexidades que envolvem a formação de nossa sociedade. Essa abordagem é vital para que possamos entender as nuances das interações culturais e as histórias que moldam nossas identidades coletivas.

A literatura de Potiguara é um convite para que novos leitores e escritores se aprofundem em questões que transcendem os limites do texto literário, revelando a importância de um olhar mais inclusivo sobre o que é ser brasileiro. Ela desafia os paradigmas literários estabelecidos, promovendo uma reflexão crítica sobre como a literatura pode servir como um meio de dar voz a quem, por muito tempo, foi silenciado. Isso é especialmente significativo em um contexto em que as narrativas tradicionais frequentemente ignoram a rica diversidade cultural do Brasil.

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar esse fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não é atualizada. É preciso notar que a memória procura dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma delas (isso sem falar nas outras formas de expressão e na cultura, de maneira geral). E é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais (Munduruku, 2018, p. 83).

A literatura indígena é vista como uma ponte que facilita o reencontro com as raízes culturais, histórias e tradições. Este “reencontro” é essencial para a construção de identidades que foram fragmentadas pela colonização e pela marginalização. A

escrita, nesse contexto, não só revive memórias, mas também celebra a continuidade e a resiliência das culturas indígenas.

Um ponto central da citação é que a memória não é algo fixo; ela está em constante evolução. A literatura indígena contribui para essa dinâmica ao reforçar a memória tradicional, ao mesmo tempo em que incorpora novos acontecimentos e fatos que a tornam relevante para as gerações atuais. Essa capacidade de atualizar a memória é vital para a sobrevivência cultural, pois permite que as tradições se adaptem a um mundo em constante mudança.

A relação entre oralidade e escrita é descrita como um “fio muito tênue”. Ao invés de ver a escrita como uma ruptura da oralidade, o autor prefere enxergar essa relação como uma complementação. Isso reflete a realidade das culturas indígenas, onde a oralidade sempre foi um meio primordial de transmissão de saberes, e a escrita surge como uma nova ferramenta que enriquece e amplia essas tradições. Essa perspectiva valoriza ambas as formas de expressão, reconhecendo que cada uma tem seu papel e importância.

Destaca-se que a memória indígena não apenas se mantém viva, mas busca novas formas de expressão, incluindo as tecnologias contemporâneas. A escrita é uma dessas formas, mas não é a única. A utilização de diversas mídias, como arte, música e outras expressões culturais, demonstra como as comunidades indígenas estão se apropriando de novas tecnologias para perpetuar suas tradições e experiências.

Por fim, a ideia de que a cultura ancestral se mostra “viva e fundamental para os dias atuais” sublinha a relevância da literatura indígena no contexto contemporâneo. Essa literatura não é um eco do passado, mas uma afirmação ativa e vibrante de identidade que ressoa nas questões e desafios atuais enfrentados por esses povos. Através da escrita e de outras formas de expressão, as culturas indígenas reafirmam seu lugar no mundo moderno, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre diversidade cultural, resistência e direitos.

Sendo assim, reforça que a literatura indígena desempenha um papel crucial na preservação e atualização das memórias culturais, atuando como uma ferramenta de resistência e reinvenção. É uma forma de celebrar a ancestralidade, ao mesmo tempo em que se engaja com o presente, permitindo que as vozes indígenas sejam ouvidas e reconhecidas em toda sua complexidade e vitalidade.

### 2.3 Contextualização da obra *O vento espalha a minha voz originária*

A obra *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023) destaca-se neste trabalho como uma peça de extraordinária relevância para o entendimento da literatura indígena. Através dela, temos a oportunidade de conhecer a trajetória histórica e cultural dos povos indígenas, marcada por uma profunda riqueza cultural, saberes ancestrais e, acima de tudo, por suas incessantes lutas. Este texto não se limita à interpretação literal, mas se expande para revelar diversas manifestações culturais e desafios que os Potiguara enfrentam desde o período colonial até os dias de hoje. Diante disso, Eliane (2023) através de sua escrita afirma que:

Na luta de reconstruir-se a cada época, a cada século, povos indígenas além de manterem sua identidade buscam viver de forma sustentável, porque sua visão de vida e de mundo é uma forma que preserva a terra e seus recursos naturais, constituindo uma sociedade com visão democrática, produtora e destruidora, em que o outro é seu referencial, sendo assim, muitos líderes indígenas na América Latina evocam seus cânticos lutando e dando suas próprias vidas pelos seus povos. (Potiguara, 2023, p. 21).

O livro desdobra-se como um reflexo da luta contínua contra as tentativas de erradicação cultural e histórica que ainda persiste na sociedade contemporânea. A opressão e o desejo de apagar a identidade indígena são evidentes, com esforços para deslocá-los de seus territórios ancestrais e minimizar sua conexão com as tradições. Em contraste, *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023), não é apenas um conjunto de palavras impressas; é um veículo de uma carga semântica rica e profunda que encapsula a resistência e a vitalidade cultural dos povos indígenas.

Diante disso, a obra *O Vento Espalha Minha Voz* (2023), de Eliane Potiguara, é de uma importância fundamental por várias razões, especialmente no que diz respeito à valorização da ancestralidade e à preservação das histórias dos povos indígenas. Esta obra não apenas nos proporciona uma profunda reflexão sobre a necessidade de reconhecer e respeitar a riqueza cultural dos povos indígenas, mas também destaca a importância de lutar pelos seus direitos e pela igualdade em nossa sociedade. Povos indígenas precisam recuperar as terras degradadas; elas não são só das etnias, mas de toda a população brasileira, pois os indígenas brasileiros são patrimônio deste país (Potiguara, 2023, p. 25).

Potiguara enfatiza que a recuperação das terras degradadas é uma responsabilidade compartilhada, não restrita às etnias indígenas, mas algo que

beneficia toda a população brasileira. Ao afirmar que os indígenas são um patrimônio do país, ela destaca sua relevância cultural, histórica e ambiental. Os povos indígenas têm um conhecimento profundo sobre o manejo sustentável da terra, e sua luta por recuperar e cuidar dessas áreas degradadas é vista como crucial para a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas. Assim, a citação defende que a valorização e a proteção das terras indígenas não apenas fortalecem essas comunidades, mas também promovem o bem-estar de toda a nação, reconhecendo a interdependência entre diferentes grupos sociais e a importância da diversidade cultural na construção da identidade nacional. Essa perspectiva também sugere uma necessidade de justiça social e ambiental, promovendo uma colaboração entre indígenas e não indígenas para um futuro sustentável.

Eliane Potiguara, com sua voz poética e poderosa, traduz em seus cânticos um ato de resistência e diversidade que é essencial para a visibilidade e o respeito às culturas indígenas. Cada verso e cada poema são um testemunho do esforço incessante de Potiguara para garantir que sua voz, bem como a de seus ancestrais, seja ouvida e reconhecida. Em uma sociedade que frequentemente marginaliza e invisibiliza as culturas indígenas, a obra de Potiguara representa uma forma vital de resistência e afirmação. A autora afirma em uma de suas falas:

A literatura dos excluídos ainda é uma pele de boto que foi destruída ao longo dos séculos e que está esquecida e abandonada no fundo dos rios a apreciar renascer ardentemente com a força da alma da natureza humana. mas essa natureza está envolta nas amarras dos séculos de dor, do obscurantismo, dos grandes enigmas e contraindicações da própria existência, do divino e do amor. a literatura ainda é um segmento cultural e político que não consegue chegar a totalidade fsd camadas menos privilegiadas social e economicamente do brasil e do mundo (Potiguara, 2023, p. 66 - 67).

Em sua fala, Potiguara (2023), destaca a luta incessante por reconhecimento, apresentando a literatura como um meio de expressão para os excluídos. Ela enfatiza que ainda há muito a ser explorado nas riquezas culturais e históricas dessas vozes, que precisam ser resgatadas e valorizadas. Além disso, Potiguara aponta para a significativa falta de acesso à educação enfrentada por uma minoria, ressaltando a importância de garantir que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Por meio de suas obras literárias, os indígenas conquistaram um espaço significativo para expressar uma literatura culturalmente diversificada e inovadora. Este

trabalho se torna uma porta de entrada para novas perspectivas e histórias, que vão além da crítica social, oferecendo um relato verdadeiro de resistência e ancestralidade. Assim, a importância de *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023), reside não apenas na sua contribuição literária, mas também no reconhecimento e valorização de uma história e cultura que merecem ser amplamente apreciadas e respeitadas.

A obra *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023), de Eliane Potiguara, transcende a mera representação da literatura indígena ou das lutas enfrentadas pelos povos originários. Trata-se de um estudo profundo e essencial que explora temas fundamentais como identidade e cultura indígena. Potiguara destaca as tradições e a preservação cultural, evidenciando a riqueza dos costumes e das linguagens dos povos indígenas, o que enriquece nossa compreensão sobre suas histórias. Mas para haver um reconhecimento de uma determinada obra é preciso um conjunto de aspectos que estão envolvidos segundo Candido (2006):

Quanto à obra, focalizamos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável (Candido 2006, p. 40).

Aborda a complexa relação entre a criação artística e os contextos sociais que a influenciam. Ao focar nos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, o texto sugere que a obra de arte não é apenas um produto da criatividade individual, mas também uma manifestação das condições culturais e sociais do seu tempo.

Os “valores sociais” referem-se às crenças e normas que moldam uma sociedade, enquanto as “ideologias” podem incluir os sistemas de pensamento que orientam comportamentos e percepções coletivas. Já os “sistemas de comunicação” se referem aos meios e linguagens utilizados para transmitir ideias e sentimentos. Esses elementos se entrelaçam na obra de arte, tanto em seu conteúdo (o que a obra representa) quanto em sua forma (como essa representação é realizada).

O texto destaca que essas influências sociais se tornam indiscerníveis logicamente, ou seja, podem ser analisadas e interpretadas, mas estão, na verdade, profundamente enraizadas no impulso criador do artista. Essa ligação é considerada inseparável, indicando que o ato de criação é sempre contextualizado, mesmo que a individualidade do artista possa brilhar através da obra. Assim, a arte se torna um



reflexo do tempo e do espaço em que é criada, incorporando as preocupações, aspirações e tensões da sociedade.

Além disso, essa interconexão sugere que a obra de arte pode servir como um meio de diálogo entre o indivíduo e a coletividade. Através da expressão artística, o criador pode abordar questões sociais e ideológicas, comunicando-se com o público de maneiras que vão além das palavras. A arte, portanto, não é apenas um espelho da sociedade, mas também uma ferramenta de crítica, transformação e reflexão.

Em resumo, Candido (2006, P.40) ilustra a ideia de que a criação artística é um fenômeno multidimensional, onde o impulso criador do artista e os contextos sociais interagem de forma dinâmica. Essa relação não apenas enriquece a obra, mas também oferece um espaço para a exploração das identidades, tensões e valores que permeiam a experiência humana.

Outro aspecto relevante da obra é o empoderamento feminino. Potiguara enfatiza o papel central da mulher indígena, retratando-a como uma figura forte e resiliente, capaz de enfrentar desafios com determinação. A autora também questiona as narrativas hegemônicas que frequentemente marginalizam as vozes femininas, colocando-as no centro de sua narrativa. Em uma de suas falas potiguara reafirmam a importância e toda a luta que transcende a sua cultura:

No contexto da pós-modernidade – profícuo às manifestações da heterogeneidade e da multiplicidade, e inóspito aos discursos totalizantes –, a crítica literária feminista, bem como o feminismo entendido como pensamento social e político da diferença, surge com o intuito de desestabilizar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canônica. Após um momento inicial de denúncia e problematização da misoginia que permeia as representações femininas tradicionais, ora presas à nobreza de sentimentos e ao caráter elevado, ora relacionadas com a Eva pecadora e sensual, o feminismo crítico volta-se para as formas de expressão oriundas dos próprios sujeitos femininos (Zolin, 2009, p. 02).

A citação destaca como a crítica literária feminista, inserida no contexto da pós-modernidade, busca questionar e desconstruir as representações tradicionais da mulher na literatura canônica. Ao invés de aceitar as visões reducionistas e ideológicas que a literatura clássica costuma impor, como a mulher idealizada e pura ou a figura da Eva sedutora e pecadora, o feminismo crítico surge com o propósito de desafiar essas construções misóginas. No início, essa crítica se concentra em denunciar a misoginia presente nas representações literárias da mulher, evidenciando os estereótipos

limitantes e prejudiciais. No entanto, ao longo do tempo, a crítica literária feminista vai além da simples denúncia, voltando-se para a valorização e criação de novas formas de expressão que partem da própria experiência das mulheres, oferecendo uma representação mais autêntica e plural da subjetividade feminina. Esse movimento reflete o espírito da pós-modernidade, que valoriza a multiplicidade de perspectivas e se opõe a discursos totalizantes e homogeneizantes.

Potiguara expressa a ideia de que a cultura indígena vai além das fronteiras físicas e representações territoriais. Ela enfatiza que, mesmo quando um povo indígena está disperso ou em situações difíceis, ainda consegue preservar sua identidade, suas tradições e sua cosmovisão. A mensagem central é sobre a resistência e a dignidade que essas comunidades mantêm em face da destruição cultural e da colonização. A fidelidade às suas raízes é vista como uma forma de resistência e uma afirmação de identidade.

Além disso, a obra é marcada pela resistência dos povos indígenas contra a colonização e a exploração, bem como pela luta contra a invisibilidade social que os aflige. Potiguara traz à tona questões contemporâneas, como a luta por terras, a preservação ambiental e os direitos humanos, estabelecendo um elo entre passado e presente. Essa conexão é especialmente relevante diante da crescente pressão para extinguir a história e a memória dos povos originários.

A autora denuncia realidades que se perpetuam na sociedade atual, como as queimadas na Amazônia e os esforços para excluir os povos originários de seus direitos e territórios e também da constante pobreza que assola nossa sociedade. Ela apresenta uma perspectiva de resistência e reconhecimento da importância indígena, não apenas para a história do Brasil, mas também para a literatura como um todo.

A pobreza é a maior violação dos direitos humanos, eu não sabia disso quando era criança. As lágrimas de minha avó, assim como a vida de milhares de mulheres indígenas no mundo, refletem esse tipo de violação. A pobreza é o resultado das maiores competições, guerras e conflitos do planeta terra as mulheres e as crianças sofrem com a pobreza. A pobreza é um fator determinante de violência a um ser humano (Potiguara, 2023, p. 39).

Potiguara (2023), aborda a relação entre pobreza e violação dos direitos humanos, destacando como a pobreza afeta especialmente as mulheres e crianças, particularmente em comunidades indígenas. A autora reflete sobre sua própria infância, reconhecendo que, na juventude, não compreendia completamente a gravidade dessa

questão. As lágrimas de sua avó simbolizam o sofrimento e as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres indígenas, que muitas vezes, são as mais afetadas em contextos de pobreza.

Potiguara afirma que a pobreza não é apenas uma condição econômica, mas um fenômeno que resulta de competições, guerras e conflitos que permeiam a sociedade. Essa situação gera um ciclo de vulnerabilidade, onde a falta de recursos se traduz em maior violência e violação dos direitos fundamentais. Portanto, a mensagem central é uma chamada à atenção para a necessidade de abordar a pobreza como uma questão de justiça social e direitos humanos, ressaltando a urgência de ações que busquem melhorar as condições de vida e dignidade das populações mais afetadas.

Assim, Potiguara evidencia que os indígenas devem contar suas próprias histórias por meio da literatura, preservando suas memórias e tradições. A obra nos convida a refletir sobre a necessidade de uma literatura diversificada e rica, que reconheça o sofrimento histórico dos povos indígenas e sua luta contínua por espaço e credibilidade. Através de suas palavras, Eliane Potiguara não apenas relata fatos, mas levanta questões cruciais que nos instigam a buscar uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Diante disso, Potiguara (2023), afirma que:

Queremos invocar o olhar sábio das mulheres indígenas na construção do mundo mágico, místico, místico e holístico de nosso cotidiano e transmitir às novas gerações. Esse olhar, contar e viver fazem parte da sabedoria natural e ancestral feminina. a mulher indígena retrata essa realidade pela oralidade no seu dia a dia, dialogando com os seus, mesmo em um mundo genocida e opressor. E hoje, por meio da literatura indígena como forma de resistência, existimos (Potiguara, 2023, p. 17).

Os indígenas têm transmitido suas histórias ancestrais de forma oral por séculos, preservando-as em suas memórias para repassá-las às futuras gerações. Essa prática é fundamental para a continuidade de suas culturas e identidades. No entanto, nesse difícil trajeto de resistência, muitas narrativas e vivências acabam se perdendo, especialmente diante de contextos sociais e políticos adversos que ameaçam sua existência.

Embora algumas histórias possam se apagar, a literatura emerge como um meio crucial de comunicação, servindo não apenas para que os indígenas compreendam sua ancestralidade, mas também para que a sociedade em geral tenha acesso a uma compreensão mais profunda do cotidiano indígena, incluindo suas crenças, ritos e

modos de vida. A literatura indígena desafia os estereótipos e as narrativas monótonas predominantes, trazendo à tona vozes e experiências frequentemente silenciadas.

Eliane Potiguara, em sua obra, incorpora elementos essenciais que nos convidam a refletir sobre uma literatura mais diversificada e inclusiva, capaz de romper com os padrões tradicionais e marginalizados que muitas vezes silenciam as vozes indígenas. Sua escrita é um poderoso veículo de resistência cultural, que não apenas narra histórias, mas também valoriza as vivências, tradições e memórias dos povos originários. Ao dar visibilidade a essas narrativas, Potiguara ressalta a importância do resgate e do registro das experiências que moldam a identidade indígena, especialmente em um contexto de desvalorização histórica e sistemática. Seus textos são um espaço de afirmação, onde as palavras se tornam uma ferramenta para preservar e fortalecer as culturas indígenas, ao mesmo tempo que desafiam estereótipos e buscam reescrever a história a partir de uma perspectiva autêntica e plural. Assim, sua obra não só se configura como um manifesto literário, mas também como um chamado para o reconhecimento e valorização das identidades indígenas na sociedade contemporânea.

Através de sua poesia, Potiguara destaca a necessidade de conhecermos nosso passado e de agirmos de maneira a honrar nossos ancestrais, respeitando e seguindo seus costumes. A literatura, nesse contexto, torna-se uma forma de resistência cultural e um meio de afirmação da identidade indígena, permitindo que as novas gerações se conectem com suas raízes e se posicionem contra a marginalização histórica que enfrentam. Assim, Potiguara nos convida a refletir sobre a riqueza da cultura indígena e sua relevância na construção de um futuro mais justo e inclusivo.

A literatura indígena e nativa vem das entranhas da terra, é o grito sufocado dos que precisam emudecer, explodindo no ar seu verbo e colorido como se fosse uma grande bolha de água cristal-celeste. É a explosão dos séculos e a nova forma de pensar, agir e decidir. deixem-me dizê-la, por favor! e creem em mim como a luz do sol, como a essência da alma. É a manifestação “apressada” da identidade indígena, que por sua vez é a manifestação do cosmo através da ancestralidade (Potiguara, 2023, p. 95).

Potiguara destaca, em sua citação, a profunda conexão entre a literatura e a terra, evidenciando uma relação cultural enraizada na experiência e na ancestralidade dos povos indígenas. Ao mencionar o “grito sufocado”, ele enfatiza a luta e a resistência que esses povos têm enfrentado, uma batalha que continua relevante nos

dias atuais. Essa luta não se restringe apenas ao reconhecimento, mas se estende à busca por um espaço na literatura e na sociedade, além da defesa de seus territórios, constantemente ameaçados.

Nesse contexto, Potiguara apresenta a literatura não apenas como uma forma de expressão artística, mas como um dos principais meios para garantir a visibilidade das vozes indígenas, um elemento central na luta contra o apagamento cultural e histórico sofrido pelos povos originários. Para ela, a escrita se torna uma ferramenta essencial de resistência, permitindo que as narrativas indígenas ocupem o espaço que tradicionalmente lhes foi negado nas grandes narrativas nacionais e internacionais. Ao compartilhar suas histórias, Potiguara não só preserva o legado ancestral, mas também reafirma a autonomia e o protagonismo indígena em um cenário de marginalização. Sua literatura, portanto, se configura como uma poderosa forma de empoderamento, pois não se limita a contar histórias, mas busca reverter a lógica colonial que tentou silenciar esses povos ao longo dos séculos. Por meio da palavra escrita, ela reconquista o direito de ser ouvida e reconhecida, proporcionando às novas gerações indígenas uma base sólida de identidade e resistência. Dessa forma, a obra de Potiguara contribui para a construção de um espaço mais igualitário e plural na literatura, onde a diversidade cultural é celebrada e as vozes dos povos originários são finalmente escutadas e respeitadas.

### 3 ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM “CÂNTICOS POÉTICOS DE RESISTÊNCIA ÉTNICA”

#### 3.1 Cânticos poéticos de resistência: veículos de preservação cultural

O livro de Potiguara é organizado em sete partes, cada uma delas oferecendo uma nova perspectiva sobre a obra e a vida da autora. Desde o início, a escritora faz uma importante introdução, onde menciona diversos textos e testemunhos que serão abordados ao longo da narrativa, como crônicas, ensaios, poemas, citações e contos. Essa diversidade de gêneros literários enriquece a compreensão da obra de Potiguara, permitindo que os leitores vislumbrem a profundidade de suas reflexões e a multiplicidade de vozes que ela incorpora.

Na apresentação, a autora Kaká Werá (2018) enfatiza a trajetória literária de Eliane Potiguara, que não se resume apenas à produção escrita, mas abrange sua luta e resistência como mulher indígena. A autora Kaká Werá (2018), em seu capítulo intitulado “Eliane Potiguara, um ato de amor para os povos”, traz uma análise sensível e abrangente do impacto que Potiguara teve na literatura e nas questões sociais. Ela ressalta como a obra da autora é um reflexo de seu compromisso com a valorização da cultura indígena e a defesa dos direitos dos povos originários.

Werá (2018), destaca a relevância do trabalho de Potiguara como um ato de amor não apenas para a sua própria comunidade, mas para toda a sociedade. Em suas palavras, a autora traz à tona a força e a coragem que caracterizam a escrita de Potiguara, mostrando como suas obras dialogam com as lutas contemporâneas e as experiências vividas por muitos. Assim, o livro não só celebra a vida e a obra de Eliane Potiguara, mas também convoca os leitores a refletirem sobre a importância da literatura como um espaço de resistência e afirmação cultural.

Eliane potiguara é uma semeadora de utopias , uma das precursoras da literatura indígena no Brasil,ativista que invoca a uma cultura de paz mas que não foge à luta. Neste trabalho ela desata memórias em um fluxo entre a densidade de temas que aborda e o lirismo de sua alma poeta nos convida a percorrer suas paisagens internas e intensas (Werá, 2023, p. 13).

Eliane Potiguara representa um verdadeiro ícone de motivação, força e resistência, sendo uma figura essencial na luta pelos direitos dos povos indígenas. Seu legado literário não apenas enriquece a cultura brasileira, mas também convoca os leitores a se aprofundarem na trajetória de lutas e conquistas que marcam a história dos povos originários. Através de suas obras, Potiguara oferece uma rica diversidade de diálogos, manifestando-se em cânticos e narrativas que refletem a sabedoria ancestral e as experiências contemporâneas de sua comunidade. Suas histórias são mais do que relatos; elas são um convite à reflexão sobre a identidade, a resistência e a resiliência cultural.

Além disso, Potiguara destaca a importância da preservação das raízes indígenas, mostrando que, mesmo diante de desafios, a força de sua cultura permanece viva. Sua escrita serve como um farol de esperança e encorajamento, não só para os povos indígenas, mas para todos aqueles que buscam compreender e valorizar a diversidade cultural do Brasil. Assim, Eliane Potiguara se torna uma fonte constante de inspiração e motivação, incentivando as novas gerações a manterem suas tradições e a lutarem por seus direitos. Sua mensagem é clara: as raízes de sua cultura são fundamentais para o fortalecimento de sua identidade e para a construção de um futuro mais justo e inclusivo. A obra de Potiguara, portanto, é um legado que transcende o tempo, ressoando de maneira única nas vidas de todos que a leem e a estudam.

Dessa forma, no primeiro capítulo de “O Vento Espalha Minha Voz”, Eliane Potiguara apresenta um rico panorama da vida indígena, centrando-se nas experiências e reflexões de seus personagens. A autora utiliza uma linguagem poética e sensível, mergulhando o leitor na cultura e nas tradições do povo indígena, ao mesmo tempo em que explora as dificuldades impostas pela modernidade e pelo colonialismo. Esse contexto é fundamental para entender a luta pela preservação da identidade e das raízes culturais.

Potiguara explora a relação dos personagens com a natureza tornando-se um dos momentos mais marcantes desse capítulo, a autora descreve a natureza de forma marcante e como a natureza está intrinsecamente ligada à espiritualidade e ao cotidiano da comunidade, essa conexão com a natureza só deixa mais claro a importância do pertencimento e da resistência, enfatizando o papel da natureza na identidade indígena, e sua relevância na construção de legado real e necessário.

A terra é um organismo vivo que fala conosco através das chuvas, dos trovões, da luz do sol que faz crescer a vegetação, que ilumina o dia, que nos dá néctar da vida, não só para nós, mas para todos os seres vivos terrestres, marítimos, fluviais. A lua é nossa avó, o sol é nosso avô. Nossos corpos são sagrados e de nossos úteros brotam vidas. Vivamos em harmonia então. A mulher é a terra e a terra é a mulher. Juntas, tem o que contar. (Potiguara, 2023, p. 30).

No capítulo em questão, Potiguara aborda uma variedade de temas que permanecem relevantes e urgentes no contexto social contemporâneo. A autora traz à tona questões que, muitas vezes, são silenciadas ou desconsideradas, como a vida das mulheres, a prostituição, a pobreza e as condições das crianças em situação de vulnerabilidade. Ela destaca as complexidades e os desafios enfrentados por essas populações, que frequentemente são invisibilizadas nas narrativas tradicionais.

Particularmente, Potiguara foca nas lutas das mulheres indígenas, enfatizando sua busca por reconhecimento e espaço dentro da sociedade e da literatura. Essa luta é crucial para a visibilidade e valorização de suas histórias e experiências, que têm sido historicamente marginalizadas. A autora também investiga como essas mulheres se conectam com suas raízes e tradições, utilizando a literatura como uma ferramenta para expressar suas vivências e reivindicar seus direitos.

Além disso, Potiguara explora questões de espiritualidade, tempo e terra, mostrando como esses elementos estão interligados de maneira única em sua vivência. A relação com a terra, por exemplo, é apresentada não apenas como um aspecto físico, mas também como um elemento central na construção de identidade e na preservação da ancestralidade. A autora argumenta que a espiritualidade e a conexão com a terra são fundamentais para entender a luta das mulheres indígenas, pois elas proporcionam uma base sólida de resistência e resiliência.

Ao entrelaçar essas temáticas, Potiguara não apenas ilumina realidades frequentemente negligenciadas, mas também convida os leitores a refletirem sobre a importância da visibilidade e do reconhecimento das histórias de grupos marginalizados. Essa abordagem ampla e interconectada proporciona uma compreensão mais profunda das complexidades sociais, culturais e espirituais que moldam a vida das mulheres indígenas e suas comunidades.

No segundo capítulo intitulado “Existe racismo no Brasil” do livro “O vento espalha minha voz originária”, Potiguara analisa as manifestações do racismo na sociedade brasileira, destacando suas raízes históricas e suas consequências nas



vidas das populações indígenas e afrodescendentes. A autora discute como o racismo se entrelaça com outras formas de opressão, como a desigualdade social e a marginalização cultural.

Potiguara utiliza sua própria experiência e a de sua comunidade para ilustrar como o racismo se manifesta de maneira sutil e explícita no cotidiano. Ela aborda questões de identidade, preconceito e a luta por reconhecimento, enfatizando a necessidade de visibilidade e valorização das vozes indígenas. A autora também critica a falta de políticas efetivas para combater o racismo e promover a igualdade, refletindo sobre a importância da educação e da conscientização social.

A literatura que me refiro é assim, vem fazendo caminhada passo a passo com as expressões de artistas do passado e da contemporaneidade, cantando e contando a cultura popular. São as expressões que não tiveram voz. E a literatura indígena, que do estágio oral saltita pelas letras escritas na estratégia de vivificação das histórias de vida dos ancestrais, clama por sobrevivência e justiça dos direitos autorais (Potiguara, 2023, p. 68).

Ao longo do capítulo, Potiguara propõe um diálogo sobre a necessidade de descolonizar o pensamento e os discursos que perpetuam estereótipos, defendendo uma maior inclusão das narrativas indígenas e afro-brasileiras nas discussões sobre raça e identidade no Brasil. Essa análise crítica busca provocar reflexões sobre a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No terceiro capítulo intitulado como “Cânticos poéticos de resistência étnica”, os cânticos poéticos representam uma forma poderosa de preservação cultural e emergem como uma significativa estratégia de resistência contra a marginalização enfrentada pelos povos originários. Eliane Potiguara, em suas obras, utiliza esses cânticos para revelar e denunciar as opressões vividas ao longo dos anos, evidenciando a luta incessante de sua comunidade. A autora não apenas narra suas histórias, lutas e sofrimentos, que se estendem por gerações, mas também aborda temáticas de extrema relevância, desafiando estereótipos que, muitas vezes, são silenciados na sociedade contemporânea. Essa abordagem se torna uma ferramenta essencial para a construção de uma narrativa que não apenas resgata a memória coletiva, mas também busca a valorização da identidade cultural.

Esses cânticos, portanto, são composições que refletem a luta e a resistência de grupos sociais ao longo de sua história, permanecendo profundamente enraizados tanto na memória histórica quanto nas dinâmicas sociais atuais. Frequentemente, esses cânticos emergem em contextos de opressão, como durante regimes autoritários, processos de colonização ou em situações de discriminação racial e étnica. Nesse sentido, as letras desses cânticos não apenas expressam sentimentos de injustiça, dor e esperança, mas também funcionam como um meio de reivindicação de direitos e de visibilidade para as experiências das comunidades.

Por exemplo, as músicas de resistência dos povos indígenas não só preservam histórias ancestrais, mas também se tornam um grito de luta pela defesa de suas terras e modos de vida, elementos essenciais da sua identidade cultural. Da mesma forma, os cânticos afro-brasileiros trazem à tona a luta contra a discriminação, enfatizando a busca por reconhecimento cultural e a valorização das tradições que foram historicamente marginalizadas. Através desses cânticos, a memória coletiva é resgatada e a cultura é reafirmada, criando um espaço de resistência que desafia as narrativas hegemônicas.

Ademais, esses cânticos são fundamentais não apenas para a expressão artística, mas também para a afirmação da identidade e da cultura de grupos que enfrentam a marginalização. Eles desempenham um papel crucial na construção de uma consciência coletiva e na mobilização social, incentivando a solidariedade e a coesão entre os membros da comunidade. Por meio da oralidade e da performance, esses cânticos se tornam veículos de transmissão de saberes e valores, garantindo que as gerações futuras possam se conectar com suas raízes e compreender a luta de seus antepassados.

Assim, ao examinar os cânticos poéticos de resistência, é possível perceber como eles transcendem o âmbito da arte, tornando-se elementos vitais na luta por direitos e na preservação da cultura. Esses cânticos reafirmam a importância da voz dos grupos marginalizados, servindo como um lembrete de que a resistência cultural é uma forma de afirmação da dignidade humana e do valor da diversidade cultural.

Por meio disso a autora no quarto capítulo intitulado como Citações: ancestralidade e dores, a autora aprofunda a relação entre ancestralidade e as dores históricas vividas pelos povos afro-brasileiros. Ela traz reflexões sobre como as experiências de sofrimento e resistência se entrelaçam com a memória coletiva, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as histórias dos antepassados.

O capítulo apresenta citações significativas que estabelecem uma forte conexão entre o passado e o presente, evidenciando como as feridas da história ainda reverberam nas vidas atuais. Essa abordagem busca não apenas reconhecer as lutas enfrentadas ao longo do tempo, mas também reforçar a identidade e a resistência cultural das comunidades afro-brasileiras. Nas palavras de Potiguara ela abraça que: “Não matem meu filho .. Me tire do cárcere. Me deixe amar e viver, apesar de nossas lutas. (Potiguara, 2023, p. 119).”

A citação de Potiguara revela uma angústia profunda e urgente por liberdade, dignidade e respeito à vida humana, expressando um apelo desesperado diante das múltiplas formas de violência que os povos indígenas têm enfrentado ao longo da história. A autora não se limita a destacar a violência física, mas também denuncia as violências simbólicas e estruturais que têm sido perpetuadas contra os povos originários, desde o período colonial até os dias atuais. Ao dizer "Não matem meu filho", Potiguara faz um apelo direto contra a violência que ameaça as vidas dos indígenas, seja pela ação do Estado, por meio do extermínio e da repressão, ou pela discriminação cotidiana, que marginaliza suas culturas e histórias. O pedido "Me tire do cárcere" vai além do aprisionamento físico, simbolizando as diversas formas de confinamento cultural e social que limitam a autonomia dos povos indígenas, impedindo-os de viver de acordo com suas próprias tradições, sem a pressão constante da imposição de valores externos.

A autora também clama pela possibilidade de "amar e viver", algo que pode parecer simples, mas que, para os povos indígenas, tem sido constantemente negado em um contexto de lutas, opressões e silenciamentos. Esse trecho ilustra a busca por uma existência digna, onde os povos originários possam viver plenamente, sem serem definidos apenas por suas lutas, mas como sujeitos com direitos, com a capacidade de viver e amar livremente, apesar das adversidades. Assim, Potiguara levanta, com sua citação, uma crítica poderosa à violência histórica e ao preconceito, ao mesmo tempo em que reivindica a restituição de sua humanidade, de sua liberdade e da preservação de sua cultura.

Eliane Potiguara se aprofunda nas citações, utilizando-as como ferramentas para expor as dores e desafios vividos por seu povo. Ao fazer isso, ela convida o leitor a uma reflexão mais profunda sobre a luta contínua dos povos originários, ressaltando como essas experiências de dor e resistência transcendem gerações. A autora enfatiza

a importância das memórias e da ancestralidade, que moldam a identidade coletiva e oferecem um contexto vital para compreender as lutas atuais.

Sendo assim, o capítulo se torna um espaço de reverência às histórias dos antepassados e um chamado à consciência sobre o impacto duradouro dessas experiências. Eliane busca fortalecer a conexão entre passado e presente, evidenciando que a resistência cultural não é apenas uma resposta às adversidades, mas uma afirmação da identidade e da força comunitária que perdura ao longo do tempo nos dando uma grande oportunidade de enxergar tudo que se passa de fato na vivência dos povos originários, para que as pessoas possam de fato conhecer e se interessar por toda a cultura que transcende o povo indígena.

### 3.2 Ancestralidade e Memória nos Cânticos Poéticos de Resistência Étnica, de Eliane Potiguara.

Por meio de seus 39 cânticos e da literatura, Potiguara procura desvelar a venda que cega a sociedade em relação às injustiças enfrentadas pelos povos originários. A autora utiliza sua arte como uma ferramenta poderosa para expor e confrontar a intensa obsessão que cerca esses grupos, evidenciando as lutas históricas e contemporâneas que eles travam. A preservação da cultura é um dos principais objetivos de Potiguara, que busca manter viva a herança de seu povo através da oralidade e da escrita. Seus cânticos, repletos de significados profundos, servem como um meio de resistência e afirmação identitária.

Com uma abordagem poética, a autora revela a força da literatura como um instrumento de transformação social. Seus versos refletem não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também a espiritualidade e a resiliência que permeiam a vida dos povos indígenas. Assim, Potiguara nos convida a uma reflexão mais profunda sobre a diversidade cultural e as injustiças que ainda persistem na sociedade, reafirmando a importância da voz dos originários na construção de um mundo mais justo e inclusivo.

#### **Pré- Visões:**

“Cães imensos,  
famintos, obscuros,  
feras indomáveis e raivosas  
atacam mulheres e crianças inocentes  
e as levam como carniças

para o inferno da humanidade.”  
(Potiguara, 2023, p. 99).

No seu cântico, Potiguara faz uma crítica contundente à violência e à opressão que os povos originários enfrentam de maneira constante. Ao mencionar “cães imensos, famintos e obscuros”, a autora alude às forças opressoras que atacam diretamente os grupos mais vulneráveis, especialmente mulheres e crianças. Essa imagem evoca a brutalidade da colonização e a desumanização que esses povos enfrentam diariamente.

Hakiy, (2018, p. 32), “A literatura indígena é frequentemente negligenciada e tratada com desdém, refletindo o desprezo que esses povos enfrentam em suas vivências cotidianas.”

Essa citação revela uma série de opressões que não apenas ameaçam a sobrevivência física das comunidades indígenas, mas também colocam em risco a preservação de suas culturas, línguas e tradições. A marginalização da literatura indígena representa um ato de desvalorização e invisibilização de narrativas que são essenciais para a compreensão da rica diversidade cultural do nosso país.

Os povos indígenas têm suas vozes silenciadas em um contexto social que frequentemente ignora suas contribuições. A literatura, que deveria ser um espaço de expressão e resistência, muitas vezes é relegada a um status inferior, como se suas histórias e saberes não tivessem valor ou relevância. Essa situação é ainda mais alarmante quando se considera o impacto histórico do colonialismo e da exploração, que deixaram cicatrizes profundas nas comunidades indígenas, perpetuando ciclos de opressão.

Além disso, a ameaça constante de extinção cultural e linguística reforça a urgência de um reconhecimento mais profundo da literatura indígena. As narrativas e mitos que esses povos preservam são não apenas relatos de suas experiências, mas também contêm lições valiosas sobre a relação com a natureza, a espiritualidade e a identidade. Ignorar essas vozes é contribuir para um processo de apagamento cultural, que empobrece a sociedade como um todo.

Uma das vertentes literárias utilizadas por escritores indígenas é a poesia. Mas será que podemos pensar em uma educação poética? Apresentar um texto em sala de aula com rimas e versos é estimulante. Pode-se informar e denunciar acerca de temas relacionados à cultura dos povos, à questão ambiental, entre outros. A poesia nas mãos do professor torna-se uma ferramenta didática a ser utilizada em sala de

aula. E os indígenas sempre buscaram poetizar sua vivência. O contato do corpo com a água num banho de rio à tardinha é uma bela imagem poética a ser apresentada aos olhos atentos de quem busca narrar a relação homem x natureza. Pela poesia a criança ou mesmo o adulto leitor entende que há uma preocupação forte em cuidar de bens tão necessários e preciosos como a água e seu uso pela população. (Kambeba, 2018, p. 41).

A poesia indígena, com sua riqueza simbólica e ligação profunda com a natureza, oferece uma abordagem única para o ensino e a aprendizagem, especialmente quando utilizada em sala de aula como uma ferramenta de educação poética. Ao integrar os versos e rimas de autores indígenas no currículo escolar, o professor tem a oportunidade de despertar nos alunos uma reflexão crítica sobre temas fundamentais, como a relação do ser humano com o meio ambiente e a importância da preservação dos recursos naturais, como a água. A poesia indígena frequentemente expressa uma conexão intrínseca com o território, revelando a visão de mundo dos povos originários, que entendem a natureza não como um recurso a ser explorado, mas como um ente vivo, digno de respeito e cuidado. Ao apresentar imagens poéticas, como a do banho de rio à tardinha, o educador pode sensibilizar os alunos para a beleza e a sacralidade desses elementos, enquanto fomenta a conscientização sobre os desafios ambientais que enfrentamos hoje. Além de proporcionar uma experiência literária enriquecedora, a poesia indígena torna-se, assim, um instrumento poderoso de resistência cultural e política, contribuindo para a valorização das identidades indígenas e para a descolonização do saber, ao dar voz e visibilidade a perspectivas que têm sido historicamente silenciadas.

Portanto, é fundamental que a literatura indígena seja valorizada e promovida, reconhecendo sua importância como forma de resistência e afirmação identitária. A verdadeira apreciação dessas narrativas não só enriquece nosso entendimento cultural, mas também promove um espaço de diálogo e respeito entre diferentes saberes, ajudando a construir um futuro mais inclusivo e justo.

Potiguara utiliza sua obra para expor uma realidade desoladora, destacando a forma cruel como são atacados, transformando suas palavras em críticas poderosas diante de uma sociedade que frequentemente se mostra indiferente. Ao evocar essas imagens, a autora não apenas denuncia a situação brutal enfrentada pelos povos originários, mas também instiga uma reflexão sobre a condição humana e a necessidade urgente de reconhecer e corrigir essas injustiças.

Assim, seu cântico se configura como um chamado à resistência e à solidariedade, ressaltando a importância de proteger e valorizar a vida e a dignidade de todos. A obra de Potiguara, portanto, não é apenas uma expressão artística, mas uma convocação à ação e à empatia em face das desigualdades que persistem em nossa sociedade.

Por meio de sua obra, Potiguara busca explorar as lutas e desafios enfrentados pelos povos originários, utilizando seus cânticos como uma ferramenta lúdica e significativa. Através de uma linguagem poética e acessível, a autora aborda questões complexas relacionadas à opressão e à resistência, permitindo que suas experiências e vivências ressoem com o público de maneira impactante.

Seus cânticos não apenas narram as dificuldades enfrentadas, mas também revelam a riqueza cultural e a força espiritual dessas comunidades. Ao fazer isso, Potiguara promove uma reflexão profunda sobre as injustiças sociais e a desumanização que frequentemente cercam os povos indígenas. Sua obra se torna um convite à empatia e à compreensão, desafiando o leitor a confrontar a realidade que muitas vezes, é ignorada.

Além disso, a autora incentiva o público a se engajar em um estudo mais profundo sobre as questões indígenas, ampliando a discussão sobre a importância da valorização e do respeito à cultura originária. Dessa forma, os cânticos de Potiguara se configuram como uma chamada à ação, estimulando uma reflexão crítica sobre as circunstâncias que cercam os povos originários e instigando uma busca por justiça e equidade em nossa sociedade.

### **E o Brasil não cala**

Nessa boca escancarada  
se escondem escárnio e dor  
estrangulados no suor.  
Por essa boca descarnada,  
Praguejada de chuvas,  
Voam mitos, longos sonhos,  
Estarrece as manhãs.  
Essa boca encantada,  
Procurando as palavras,  
Espreme, do silêncio aflito,  
Roucos raios coloridos.  
Tão misterioso estranho traz  
A cabocla que pergunta  
Num olhar que até censura  
E escapa a insensatez  
E teu riso contagiante  
Na ruga do pé do olho

Explode uma alegria escondida  
 Em tua terra voraz  
 Cabocla rubro-Brasileira  
 Berra teu batuque brejeiro  
 Berra tua terra fogueteira  
 O brilhar de um tempo verdadeiro. (Potiguara, 2023, p. 106).

Por meio da repetição da palavra “Boca” a autora sugere uma emergência para falar aquilo que está sufocado. A boca se torna um símbolo de resistência e de expressão, representando a dor enfrentada pelos povos originários. O cântico traz em si um contraste entre dor e alegria, alternando entre sentimentos (“escondem escárnio e dor”) e momentos de alegria (“explode uma alegria escondida”). Isso reflete a dualidade da experiência brasileira, marcada por desafios, mas também por uma capacidade resiliente de celebrar a vida.

Os cânticos fazem alusão a cultura popular usando expressões como “berrar teu batuque brejeiro” e “terra fogueteira” evocam elementos da cultura afro-brasileira e da música popular, destacando a riqueza cultural e a vivacidade do povo. O “batuque” simboliza a tradição e a força da comunidade. A figura da “cabocla rubro-Brasileira” representa a fusão de culturas e a riqueza da diversidade brasileira. Há um orgulho nas raízes e na história que moldam a identidade nacional.

A busca por palavras para romper o “silêncio aflito” sugere uma luta constante por voz e reconhecimento. “O silêncio” pode ser interpretado como opressão, enquanto a busca por expressar-se reflete um anseio por liberdade. O uso de imagens da terra e do cotidiano cria um sentido de pertencimento. A “terra voraz” evoca a força da natureza e as realidades que o povo enfrenta. Esse cântico é uma celebração da resistência, da cultura e da luta do povo brasileiro. A mistura de dor e alegria, a busca por voz e identidade, e a referência às tradições culturais se entrelaçam para criar uma obra rica em significado. É um convite à reflexão sobre a complexidade da experiência brasileira e a força de sua gente.

**Mulheres Guerreiras**  
 tomemos o fôlego  
 para as próximas etapas.  
 esqueça, decepções ou desamores.  
 A Luz que recebemos na testa é o sinal. (Potiguara, 2023, p. 110)

Neste cântico, “Mulheres Guerreiras”, evoca uma mensagem de força, renovação e propósito para mulheres que enfrentam desafios. A ideia de “tomemos o



fôlego para as próximas etapas" sugere um momento de pausa e recuperação. Isso indica que, após batalhas enfrentadas (sejam físicas, emocionais ou espirituais), as mulheres guerreiras precisam de um instante para recarregar suas energias antes de avançar novamente. É um convite para continuar lutando, mas de forma consciente e preparada.

"Esqueça, decepções ou desamores" aponta para a importância de deixar para trás as feridas do passado, sejam elas frustrações amorosas ou decepções da vida. A palavra "esqueça" aqui não se refere a uma negação da dor, mas a uma decisão ativa de não permitir que essas dores dominem o presente. Há um foco claro no futuro, no que ainda está por vir, e na força necessária para avançar além das dificuldades.

"A Luz que recebemos na testa é o sinal" tem uma conotação espiritual e simbólica muito forte. A luz na testa pode ser vista como uma forma de sabedoria, visão interior ou até um chamado divino. É como se essa luz fosse um guia que indica o caminho correto para essas mulheres guerreiras seguirem. Esse "sinal" pode representar clareza de propósito, uma missão ou uma certeza espiritual que as orienta em suas jornadas. O título "Mulheres Guerreiras" já coloca a mulher em uma posição de poder e resiliência. O cântico valoriza a força interior feminina e convida as mulheres a se verem como combatentes, que apesar das adversidades, continuam em frente, guiadas por um propósito maior.

Em resumo, o cântico é uma celebração da resiliência e força feminina. Ele fala sobre superar o passado, encontrar renovação e continuar lutando com a orientação de uma luz espiritual ou de sabedoria. Potiguara demonstra, por meio de seus cânticos, o poder transformador da escrita e a relevância da contribuição de diversas culturas para o enriquecimento da literatura. Com isso, proporciona às pessoas a oportunidade de explorar histórias e perspectivas de vida completamente diferentes, ampliando o entendimento sobre outras realidades e modos de existir.

#### **Amor Originário**

Meu amor por você  
continua o mesmo  
Puro como a nuvem  
como a água  
como a manhã  
como tupã  
Puro amor,  
sagrado amor. (Potiguara, 2023, p. 110)

O poema "Amor Originário" explora a pureza e a sacralidade do sentimento amoroso, estabelecendo uma conexão profunda com elementos da natureza e da espiritualidade indígena. A repetição do adjetivo "puro" reforça a ideia de um amor essencial, sem máculas, comparado à nuvem, à água e à manhã – elementos que representam simplicidade, renovação e continuidade. A referência a Tupã, divindade do trovão na mitologia Tupi-Guarani, traz um aspecto sagrado e espiritual para esse amor, elevando-o a algo além do humano, conectado à ancestralidade e à cosmologia indígena.

A estrutura do poema, com versos curtos e repetitivos, cria uma cadência suave que intensifica o tom de devoção e respeito ao amor, enfatizando sua permanência e transcendência. Ao usar esses símbolos naturais e espirituais, o poema destaca o amor como uma força imutável e primordial, profundamente enraizada nas crenças indígenas, reafirmando o vínculo entre a experiência humana e o universo natural.

A autora consegue expressar com clareza as inúmeras dificuldades e desafios enfrentados por seu povo, revelando a profundidade das lutas e a resistência inabalável necessária para que eles se mantenham firmes ao longo do tempo. Nos cânticos e poemas de Eliane Potiguara, percebemos a importância fundamental do pertencimento e da identidade, elementos que são centrais para a preservação das culturas e tradições dos povos indígenas. Potiguara utiliza suas palavras como uma arma poderosa para dar voz à sua comunidade e às mulheres indígenas, que lutam incessantemente por espaço e reconhecimento dentro de uma sociedade que historicamente as marginalizou. Kambeba (2018) afirma que:

Passaram-se os anos, os povos conheceram a escrita e ela tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até então eram transmitidos pela oralidade. Com a escrita nasce a "literatura indígena", uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência. (Kambeba, 2018, p. 39).

O nascimento da literatura indígena, como uma forma de resistência, emergiu como um dos principais meios de enfrentamento das opressões e do silenciamento histórico imposto aos povos originários. Durante séculos, os indígenas foram marginalizados, suas culturas e vozes silenciadas pela imposição de uma narrativa colonizadora que buscava subordinar suas tradições, línguas e formas de expressão. Nesse contexto, a literatura indígena não só surge como um espaço de preservação e

afirmação das identidades culturais, mas também como uma potente ferramenta de luta política e social. Ao escrever, os autores indígenas não estão apenas contando suas histórias, mas também desafiando a imposição de uma visão de mundo hegemônica, revelando as injustiças sofridas por seus povos e cobrando o reconhecimento de seus direitos. Dessa maneira, a literatura indígena se torna um instrumento vital para a resistência, permitindo que as vozes silenciadas do passado ecoem de forma forte e clara no presente, e reafirmando a capacidade de autossuperação e afirmação dessas comunidades diante das diversas formas de opressão. Ela não se limita ao mero relato de vivências, mas é uma afirmação política e cultural, uma declaração de que a luta pela sobrevivência e pela dignidade continua viva, na palavra escrita e na prática cotidiana.

Através de sua obra, a autora não apenas relata a luta contínua dos povos originários, mas também reflete sobre a condição das mulheres indígenas, que enfrentam camadas adicionais de opressão e invisibilidade. Suas palavras são carregadas de um forte simbolismo, ecoando a dor e o sofrimento que seu povo carrega desde os tempos coloniais. Ao mesmo tempo, esses cânticos e poemas também transmitem a força, a resistência e a esperança de um futuro onde os direitos e a dignidade dos povos indígenas sejam plenamente reconhecidos. É essa dualidade — entre dor e resistência, entre lamento e esperança — que torna a escrita de Potiguara tão poderosa e transformadora.

Assim, podemos perceber que sua obra é mais do que uma simples manifestação artística; ela é um grito de resistência, um chamado para a ação e uma reivindicação de pertencimento e de justiça histórica. Através de suas palavras, Eliane Potiguara reafirma a força dos povos originários e a importância da preservação de sua memória, tradição e identidade.

### **O amanhecer de um manto e nenhum pranto**

Todos os dias ela costurava  
 ponto a ponto um grande manto.  
 lembrou-me do dia em que sua mãe perdeu as águas  
 e de quando ela mesma deu o primeiro choro.  
 Seu rosto enrugado, como se fora uma velha,  
 E a pele emaranhada Marcaram seu primeiro contato com o espaço E  
 seus pulmões experimentam o ar fabuloso da vida.  
 Recordou-se do caminho estreito  
 Que passou estrangulando-se na vagina materna, O  
 adorável berço.  
 Lembrou-se da doçura da parteira  
 que lhe tomou nos braços.

Nascia uma mulher que sabia o que queria. Seu semblante nunca foi triste, apenas concentrado em seu rumo. Seus cabelos embranqueceram pelas nuvens leitosas que lhe penetravam a alma. Suas mãos firmes seguravam a tocha do amor. Seus ossos escaneiam pela fortaleza da existência. Suas tranças construíram degraus para alma alegre. Sua voz era um instrumento de força anterior da divindade lunar. E seu manto? Elevado em formas e cores, cobria o amor sublime de sua vida apaixonada. (Potiguara, 2023, p. 111).

O poema "O amanhecer de um manto e nenhum pranto" traz um retrato poético e profundo do percurso de vida de uma mulher, capturando sua força e maturidade em imagens que celebram a ancestralidade, a determinação e a conexão com o sagrado. A imagem central do "manto", tecido diariamente "ponto a ponto", sugere que a construção de sua identidade e legado é um processo lento e contínuo, feito de momentos cotidianos, desafios e amor. Este manto, ao final, torna-se símbolo de sua jornada única, cobrindo "o amor sublime de sua vida apaixonada".

As lembranças de seu nascimento, o primeiro choro, o "caminho estreito" que a trouxe ao mundo, e a "doçura da parteira", resgatam o sagrado e o essencial na experiência feminina e o poder ancestral de dar e sustentar a vida. Cada referência aos traços físicos e à postura da mulher ao longo dos versos, o "semblante concentrado", os "cabelos embranquecidos", as "mãos firmes", reforçam sua resiliência e maturidade. Esses elementos indicam que ela não é apenas uma figura individual, mas uma personificação da mulher ancestral, que carrega em si as marcas de gerações.

Ao evocar imagens como "a tocha do amor", "os ossos" que se fortalecem e "as tranças" que constroem degraus, o poema sugere uma visão espiritual da vida, onde cada parte de seu ser contribui para a construção de algo maior e duradouro. A referência à "divindade lunar" sugere uma força mística, feminina e cíclica, que confere à mulher uma conexão especial com a espiritualidade e a natureza. O manto, então, elevado "em formas e cores", simboliza uma vida plena e colorida, marcada por amor e coragem, que não apenas cobre, mas também homenageia sua própria história e o poder do feminino.

Nos cânticos e poemas de Eliane Potiguara, observamos a sua força, inteligência e compromisso com a denúncia das opressões e exclusões que seu povo tem enfrentado ao longo dos séculos. Ao dar voz a essas questões, Potiguara expõe, com habilidade e sensibilidade, os desafios que os povos indígenas enfrentam para preservar sua identidade em uma sociedade que historicamente marginalizou suas culturas. Suas palavras são um convite para o leitor se aproximar de sua obra e, conseqüentemente, da cultura indígena. Ela cria um canal entre o público e sua ancestralidade, despertando um entendimento mais profundo sobre o que significa pertencer a um povo originário. Essa aproximação revela uma literatura que se propõe como um instrumento de transformação, que não só informa, mas também subverte modelos tradicionais enraizados na literatura, rompendo com estereótipos que persistem há gerações. Kambeba (2008):

Ressalta a importância da literatura indígena como uma forma de expressão que vai além da mera escrita, abrangendo uma rica herança cultural impregnada de identidade e espiritualidade. Essa literatura não se limita a refletir as vivências e a cosmovisão de um povo; ela também transporta um profundo legado ancestral que confere a cada narrativa uma singularidade inigualável. As histórias contadas e recontadas carregam consigo não apenas a sabedoria acumulada ao longo das gerações, mas também a essência da experiência coletiva das comunidades indígenas (Kambeba 2008, p. 40).

Ademais, a autora enfatiza a relevância da oralidade, um elemento vital para a preservação da história e dos saberes indígenas ao longo dos séculos. A tradição oral não apenas mantém vivas as narrativas, mas também fortalece os laços comunitários e permite que os conhecimentos sejam transmitidos de forma dinâmica, adaptando-se às realidades contemporâneas. Assim, a literatura indígena, em suas múltiplas formas, representa um testemunho poderoso da resistência cultural e da continuidade das identidades indígenas em face das adversidades. Reconhecer e valorizar essa literatura é fundamental para a promoção do respeito e da diversidade cultural em nossa sociedade.”

A literatura indígena, ao trazer as vivências e perspectivas desses povos para o centro das narrativas, revela-se como uma força inovadora e essencial no cenário literário contemporâneo. A obra de Potiguara exemplifica essa renovação, pois nos apresenta uma literatura inclusiva e acessível, na qual o leitor encontra não só o relato de uma luta histórica, mas uma visão de mundo rica e complexa, que inspira novos

entendimentos e reconfigurações culturais. Esses elementos tornam-se cada vez mais valiosos em contextos educacionais, tanto nas escolas quanto nas universidades, onde é fundamental a presença de uma literatura que contemple a diversidade de experiências e culturas. Dessa maneira, a obra de autores indígenas não apenas enriquece o repertório literário, mas também educa as gerações atuais, proporcionando uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo.

Uma literatura atualizada e diversa é essencial para que vozes como a de Potiguara alcancem o público e fomentem o reconhecimento das ricas heranças culturais que compõem a nossa sociedade. Esse contato direto com as tradições e visões indígenas torna-se ainda mais relevante em uma sociedade marcada por preconceitos e estigmas. A abertura a essas obras ajuda a desconstruir preconceitos, uma vez que leva o leitor a se deparar com valores e modos de vida distintos, promovendo o respeito e o entendimento mútuo. É por meio desse tipo de literatura que se combate a desinformação e que se desconstroem estigmas socialmente enraizados, oferecendo uma perspectiva renovada e esclarecedora sobre os povos indígenas.

Portanto, ter acesso a uma literatura que inclua a diversidade cultural — especialmente a indígena — é fundamental para que possamos superar as limitações e preconceitos alimentados pela ignorância. Com o devido apoio, como das mídias e das instituições educacionais, a literatura indígena pode cumprir um papel ainda mais relevante, criando um espaço para a rica troca de saberes e ajudando a construir uma sociedade mais inclusiva e informada. Assim, a literatura indígena torna-se não só necessária, mas essencial para que esses povos obtenham o reconhecimento merecido e para que o público possa apreciar toda a profundidade e complexidade que permeia suas histórias e tradições

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, torna-se essencial captar a profundidade da inovação cultural e histórica promovida pela escrita de Eliane Potiguara. Sua obra estabelece um marco inicial de uma nova forma literária que desafia a cultura socialmente homogênea e abre espaço para que outras expressões culturais floresçam. A literatura indígena ganha, através de Potiguara, um papel de destaque, configurando-se como um canal que possibilita um contato mais direto com as vozes, tradições e resistências dos povos originários. Assim, ela inaugura uma literatura verdadeiramente inovadora e desafiadora, que não só acrescenta ao cenário literário brasileiro, mas também denuncia e questiona o apagamento de culturas ricas e significativas, ampliando nossa visão sobre a diversidade que compõe a sociedade brasileira.

Através de seus cânticos e poemas, Potiguara expressa, em um tom de urgência, um grito de socorro e uma denúncia contra as injustiças sociais enfrentadas pelos povos indígenas. Suas palavras, carregadas de simbolismo e verdade, revelam as duras realidades de um povo que luta continuamente para existir e preservar sua identidade em meio a uma sociedade que frequentemente os invisibiliza. Potiguara expõe o tratamento ultrajante e desumanizador ao qual os povos indígenas são submetidos, apontando o desprezo, a violência e a marginalização a que estão sujeitos, tudo isso amplificado por uma sociedade que muitas vezes ignora ou desrespeita suas contribuições e seu valor cultural.

Além disso, a autora denuncia uma ameaça constante de apagamento social e cultural, que é intensificada por atitudes preconceituosas e práticas excludentes. Ao lançar luz sobre essas questões, Potiguara busca não apenas reconhecimento, mas também justiça e dignidade para seu povo, que, geração após geração, continua a resistir a esse apagamento histórico e social. Sua obra oferece uma visão vívida e potente de uma realidade frequentemente silenciada, onde as vozes indígenas reivindicam seu lugar e pedem um espaço de reconhecimento e respeito.

A inovação presente na literatura de Potiguara consiste, assim, em dar visibilidade e complexidade a temas que foram silenciados por muito tempo. Sua escrita desafia os leitores a confrontarem o preconceito e o esquecimento histórico, convidando-os a enxergar a rica herança cultural indígena como parte integrante e indispensável da cultura brasileira. É essa contribuição que torna sua obra única e necessária, pois ela não apenas registra as vivências e as lutas de seu povo, mas

também propõe uma reflexão sobre o papel da literatura como um meio de inclusão, denúncia e transformação social.

Por fim, é indispensável ressaltar a importância da literatura indígena, assim como de todas as literaturas que mantêm uma conexão constante e genuína com suas culturas originárias. Essas expressões literárias são de extrema relevância, pois servem como pontes culturais, promovendo o entendimento mútuo e facilitando o rompimento das barreiras de preconceito que ainda impregnam nossa sociedade. Através dessas obras, torna-se possível enfrentar e, eventualmente, superar a divisão entre culturas, possibilitando a construção de um espaço de convivência e respeito, onde o valor de cada história, identidade e tradição é devidamente reconhecido.

Imaginemos uma sociedade onde todos sejam ouvidos, onde cada voz e cada cultura tenha o espaço e o respeito que merece. Em um ambiente assim, poderíamos viver com mais harmonia e paz, livres do medo da exclusão ou da marginalização cultural. No entanto, para alcançar esse ideal, é necessário que cada pessoa, individualmente e coletivamente, dê um passo rumo à transformação. Essa mudança deve ser orientada pelo respeito mútuo, pela empatia e pela compreensão. Precisamos de uma transformação que não apenas acolha as diferenças, mas que rejeite qualquer forma de exclusão, violência ou desprezo para com o outro.

É essencial que cada um de nós contribua para um ambiente que não propague preconceitos e que se recuse a apagar ou marginalizar a história e a identidade de qualquer grupo cultural. Em vez disso, devemos buscar compreender e valorizar as riquezas que cada cultura traz, promovendo a igualdade e o reconhecimento que todos merecem. A literatura, em suas diversas expressões culturais, desempenha um papel vital nesse processo, pois nos permite acessar realidades distintas e desafiar os estigmas e as narrativas excludentes que permeiam a sociedade. Através dela, construímos um conhecimento mais profundo e formamos uma sociedade mais receptiva.

Ao apoiarmos e difundirmos literaturas que respeitam e representam a diversidade cultural, contribuimos para a construção de um futuro mais esperançoso, igualitário e inclusivo, onde todas as identidades culturais possam florescer e serem respeitadas. É nesse compromisso com a transformação, o respeito e a preservação das histórias e tradições que construímos a base de uma sociedade verdadeiramente unida, comprometida com a justiça e com a dignidade de todos os povos.



## REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociológica. *In: Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a, p. 13-25.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. *In: Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006b, p. 27-49.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book)

DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book).

FACÓ, Álmo. [orelha do livro]. *In: POTIGUARA, Eliane. O vento espalha minha voz originária*. 1. ed. Rio de janeiro, RJ: Gruming, 2023.

WERÁ, kaká. Um Ato de Amor para os Povos. *In: Eliane, Potiguara. O Vento Espalha Minha Voz Originária*. 1. ed. Rio de janeiro, RJ: Gruming, 2023.

HAKIY, Tiago. Literatura indígena – a voz da ancestralidade. *In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.)*. **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book).

KRENAK, Ailton. Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta. *In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.)*. **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book).

KAMBEBA, Marcia. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. *In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.)*. **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book).

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. *In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.)*. **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (e-book).

POTIGUARA, Eliane. Cânticos Poéticos de Resistência Étnica. *In: O vento espalha minha voz originária*. 1. ed. Rio de janeiro, RJ: Gruming, 2023, p. 99-114.

PIRES, Glória. [orelha do livro]. *In: POTIGUARA, Eliane. O vento espalha minha voz originária*. 1. ed. Rio de janeiro, RJ: Gruming, 2023.

WERÁ, kaká. Um Ato de Amor para os Povos. *In: Eliane, Potiguara. O Vento Espalha Minha Voz Originária*. 1. ed. Rio de janeiro, RJ: Gruming, 2023.

TUPY, Dulce. [orelha do livro]. *In*: POTIGUARA, Eliane. **O vento espalha minha voz originária**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Gruming, 2023.

WERÁ, kaká. Um Ato de Amor para os Povos. *In*: Eliane, Potiguara. **O Vento Espalha Minha Voz Originária**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Gruming, 2023.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduern, 2009a, p. 327-336.